

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM - RS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JOÃO VITOR CHAVES SALVINSKI**

**DÉCADA DE 1920:  
A ASCENSÃO DAS REVISTAS ILUSTRADAS E SEU IMPACTO NA CULTURA  
ARGENTINA DURANTE OS “ANOS LOUCOS”.**

**ERECHIM - RS**

**2025**

**JOÃO VITOR CHAVES SALVINSKI**

**DÉCADA DE 1920:**

**A ASCENSÃO DAS REVISTAS ILUSTRADAS E SEU IMPACTO NA CULTURA  
ARGENTINA DURANTE OS “ANOS LOUCOS”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito  
para obtenção do título de licenciado em história.

Orientador: Prof. Dr. Renan Santos Mattos

**ERECHIM - RS**

**2025**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Salvinski, João Vitor Chaves  
DÉCADA DE 1920:: A ASCENSÃO DAS REVISTAS ILUSTRADAS  
E SEU IMPACTO NA CULTURA ARGENTINA DURANTE OS 70 ANOS  
LOUCOS?. / João Vitor Chaves Salvinski. -- 2025.  
63 f.:il.

Orientador: DR. Renan Santos Mattos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2025.

1. Revistas ilustradas. 2. Argentina. 3. Década de  
1920. 4. Identidade cultural. I. Mattos, Renan Santos,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**JOÃO VITOR CHAVES SALVINSKI**

**DÉCADA DE 1920:**

**A ASCENSÃO DAS REVISTAS ILUSTRADAS E SEU IMPACTO NA CULTURA  
ARGENTINA DURANTE OS "ANOS LOUCOS".**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Licenciatura em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito  
para obtenção do título de licenciado em história.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 18/12/2025.

**BANCA EXAMINADORA**



Documento assinado digitalmente

**RENAN SANTOS MATTOS**

Data: 19/01/2026 10:53:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Renan Santos Mattos – UFFS**  
**Orientador**



Documento assinado digitalmente

**ALLAN KARDEC DA SILVA PEREIRA**

Data: 19/01/2026 10:42:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Allan Kardec da Silva Pereira – UFFS**  
**Avaliador**



Documento assinado digitalmente

**GILMAR MUNIZ GARCIA**

Data: 19/01/2026 11:03:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Esp. Gilmar Muniz – SMED Erechim**  
**Avaliador**

Dedico este trabalho a minha Mãe, que  
não poupou esforços para que eu  
pudesse concluir meus estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), instituição que representa a importância e a força de uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Sou profundamente grato pela oportunidade de ter realizado minha formação em um espaço que valoriza o ensino, a pesquisa e a extensão, e que transforma vidas por meio do conhecimento.

Expresso minha sincera gratidão ao meu orientador, professor Renan, pela dedicação, paciência e pelas contribuições fundamentais durante todo o processo de construção deste trabalho. Sua orientação foi essencial para que este TCC se concretizasse.

Agradeço também à banca examinadora, que gentilmente aceitou avaliar este trabalho e contribuir com suas considerações e conhecimentos, enriquecendo ainda mais esta pesquisa.

Um agradecimento especial à minha mãe e à minha irmã, que são tudo para mim. Pelo apoio incondicional, pelo amor diário e por acreditarem em mim mesmo nos momentos em que eu duvidei. Sem vocês, nada disso seria possível.

Aos meus amigos e familiares, minha gratidão por estarem sempre ao meu lado, oferecendo companhia, força e leveza durante esta caminhada acadêmica.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta trajetória, deixo aqui meu muito obrigado.

"As formas de representação visual não apenas refletem o mundo: elas o constroem, o organizam, o tornam compreensível e, ao mesmo tempo, político. Nas imagens impressas, nos gestos cotidianos e nas narrativas da mídia, formam-se identidades, desejos e modos de ver. A cultura de massas, longe de ser apenas entretenimento, é uma arena onde se disputa o poder simbólico de definir quem somos, o que devemos querer e como devemos viver."

— **Stuart Hall**, adaptado de A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o papel das revistas ilustradas argentinas durante a década de 1920, destacando sua importância como instrumentos de modernização cultural e representação social. Em um período marcado por intensas transformações urbanas, econômicas e tecnológicas, essas publicações emergiram como veículos fundamentais para a circulação de novos padrões estéticos, comportamentais e de consumo que influenciaram profundamente a sociedade argentina.

A pesquisa baseou-se em uma análise comparativa das principais revistas ilustradas do período, examinando suas características visuais, editoriais e temáticas. Além disso, foi investigada a relação dessas publicações com outras manifestações culturais, como o cinema, o rádio e a literatura, que juntas formaram um panorama cultural rico e multifacetado na Argentina dos anos 1920. Os resultados indicam que as revistas ilustradas contribuíram decisivamente para a construção de um imaginário nacional moderno, incorporando influências internacionais e promovendo o diálogo entre o local e o global. Elas atuaram como agentes de difusão de uma cultura urbana, cosmopolita e de massas, que ajudou a consolidar novos hábitos de consumo e modos de vida alinhados com a modernidade. Por fim, conclui-se que o impacto das revistas ilustradas foi duradouro, pois suas estratégias visuais e narrativas influenciaram não apenas a imprensa e os meios de comunicação posteriores, mas também a formação da identidade cultural argentina em um momento crucial de sua história. Assim, as revistas ilustradas da década de 1920 podem ser compreendidas como protagonistas na modernização cultural do país, refletindo e promovendo as transformações sociais da época.

Palavras-chave: Revistas ilustradas; Argentina; Década de 1920; Identidade cultural

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the role of illustrated magazines in Argentina during the 1920s, highlighting their importance as instruments of cultural modernization and social representation. In a period marked by intense urban, economic, and technological transformations, these publications emerged as key vehicles for the circulation of new aesthetic, behavioral, and consumption patterns that profoundly influenced Argentine society.

The research was based on a comparative analysis of the main illustrated magazines of the period, examining their visual, editorial, and thematic characteristics. Additionally, the relationship between these publications and other cultural manifestations, such as cinema, radio, and literature, was investigated, together forming a rich and multifaceted cultural panorama in 1920s Argentina.

The results indicate that illustrated magazines decisively contributed to the construction of a modern national imagination, incorporating international influences and promoting dialogue between the local and the global. They acted as agents for the dissemination of an urban, cosmopolitan, and mass culture, helping to consolidate new consumption habits and lifestyles aligned with modernity.

Finally, it is concluded that the impact of illustrated magazines was long-lasting, as their visual and narrative strategies influenced not only the press and subsequent media but also the formation of Argentine cultural identity during a crucial moment in its history. Thus, the illustrated magazines of the 1920s can be understood as protagonists in the country's cultural modernization, reflecting and promoting the social transformations of the time.

**Keywords:** Illustrated magazines; Argentina; 1920s; Cultural identity

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- Capa revista Caras y Caretas .....         | 30 |
| Figura 2 - Revista Caras y Caretas .....             | 32 |
| Figura 3 - Revista Caras y Caretas .....             | 33 |
| Figura 4 - Capa revista Fray Mocho .....             | 35 |
| Figura 5 - Capa revista Fray Mocho .....             | 36 |
| Figura 6 - Revista Fray Mocho .....                  | 37 |
| Figura 7 - Revista Fray Mocho .....                  | 37 |
| Figura 8 - Revista Fray Mocho .....                  | 38 |
| Figura 9 - Revista Fray Mocho .....                  | 39 |
| Figura 10 - Capa revista El Hogar .....              | 40 |
| Figura 11 - Revista El Hogar .....                   | 41 |
| Figura 12 - Revista El Hogar .....                   | 41 |
| Figura 13 - Revista El Hogar .....                   | 43 |
| Figura 14 - Revista El Hogar .....                   | 43 |
| Figura 15 - Capa revista Atlántida.....              | 44 |
| Figura 16 - Revista Atlántida.....                   | 45 |
| Figura 17 - Revista Atlántida.....                   | 46 |
| Figura 18 - Atriz americana Louise Brooks .....      | 50 |
| Figura 19 - Representação masculina na revista ..... | 51 |
| Figura 20 - Revista Caras y Caretas .....            | 53 |
| Figura 21- Revista Fray Mocho .....                  | 54 |
| Figura 22 - Revista El Hogar .....                   | 55 |
| Figura 23 - Revista Atlántida.....                   | 56 |

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Comparação das revistas ilustradas argentinas da década de 1920-46

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2 A ARGENTINA NOS “ANOS LOUCOS”: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DA DÉCADA DE 1920 .....</b> | <b>20</b> |
| <b>3 A IMPRENSA ILUSTRADA COMO NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO .....</b>                                    | <b>26</b> |
| <b>4 ANÁLISE DAS REVISTAS ILUSTRADAS .....</b>  | <b>30</b> |
| <b>4.1.1 <i>Caras y Caretas</i>: humor político e crônica da vida urbana .....</b>                    | <b>30</b> |
| <b>4.1.2 <i>Fray Mocho</i>: nacionalismo ilustrado e regionalismo visual .....</b>                    | <b>34</b> |
| <b>4.1.3 <i>El Hogar</i>: domesticidade moderna e cultura de consumo .....</b>                        | <b>39</b> |
| <b>4.1.4 <i>Atlántida</i>: modernidade cosmopolita e juventude urbana.....</b>                        | <b>44</b> |
| <b>5 IMPACTO CULTURAL E SOCIAL DAS REVISTAS .....</b>   | <b>49</b> |
| <b>5.1.1 Criação De Novos Padrões De Beleza, Comportamento E Consumo .....</b>                        | <b>49</b> |
| <b>5.1.2 Papel das revistas na construção do imaginário nacional.....</b>                             | <b>51</b> |
| <b>5.1.3 Relação com outras manifestações culturais (cinema, rádio, literatura) ..</b>                | <b>56</b> |
| <b>6 CONCLUSÃO .....</b>  | <b>60</b> |
| <b>7 REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>62</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1920 foi um período marcado por intensas transformações sociais, culturais, econômicas e tecnológicas na Argentina. Impulsionado por um forte processo de urbanização e modernização, o país especialmente sua capital, Buenos Aires experimentou um crescimento populacional significativo, em grande parte devido à imigração europeia, que contribuiu para o surgimento de uma sociedade urbana cada vez mais diversa, complexa e consumista (Romero, 2000, p. 147-150).

Esse momento histórico, frequentemente referido como os “Anos Loucos” (em alusão ao termo francês *Années folles*), simboliza um período de intensa efervescência cultural, expansão dos consumos urbanos e mudanças aceleradas nos hábitos sociais, especialmente em grandes cidades como Buenos Aires. Segundo Sarlo (1999), esse momento foi marcado pela consolidação de uma modernidade cultural periférica, caracterizada pelo crescimento da vida boêmia, pelo surgimento de novos espaços de lazer, pela difusão do tango, do cinema e das revistas ilustradas elementos que transformaram profundamente as formas de sociabilidade urbana e reforçaram a sensação de novidade e ruptura típica dos chamados “anos loucos”, termo que adotamos ao longo do trabalho.

Nesse contexto de dinamismo cultural e abertura a influências modernas, as revistas ilustradas passaram a ocupar um espaço central na vida cotidiana argentina. Esses impressos, enriquecidos com fotografias, ilustrações artísticas, caricaturas, colunas de opinião, ficção literária e publicidade, desempenharam um papel fundamental na construção de uma nova sensibilidade moderna. Mais do que simples veículos de informação e entretenimento, as revistas ilustradas tornaram-se instrumentos de mediação cultural, capazes de moldar percepções, gerar padrões de comportamento e influenciar gostos e aspirações de diferentes camadas sociais, sobretudo das classes médias emergentes.

Revistas como *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *Atlántida* e *El Hogar* são exemplos emblemáticos dessa fase de ouro da imprensa ilustrada argentina. Cada uma dessas publicações, com suas particularidades editoriais e estéticas, contribuiu de maneira única para a disseminação de valores entendidos pelo termo “modernos”, como o progresso, a racionalidade, a liberdade individual e a modernização dos costumes. Além disso, foram responsáveis por representar e, muitas vezes, forjar as imagens de uma nova Argentina Urbana, cosmopolita e alinhada às tendências

culturais internacionais. As revistas não apenas refletiam a realidade social, mas também atuavam como produtoras de discursos, moldando o imaginário coletivo a partir da seleção e organização dos conteúdos que apresentavam.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a ascensão das revistas ilustradas na Argentina durante a década de 1920 e investigar de que maneira essas publicações contribuíram para a conformação da cultura urbana e moderna dos “Anos Loucos”. Como objetivo específico, busca-se identificar os principais títulos e suas linhas editoriais. Como também, examinar os temas mais recorrentes nas revistas do período (como moda, política, comportamento, cultura e humor). Compreender como a imagem e a publicidade foram utilizadas como instrumentos de comunicação de massa e, discutir os impactos sociais e simbólicos dessas publicações no imaginário argentino da época.

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa e de caráter documental, centrada na análise histórica e cultural de revistas ilustradas publicadas na Argentina durante a década de 1920. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva da História Cultural, com ênfase na circulação de representações, símbolos e imaginários construídos pelos meios de comunicação impressos.

O presente trabalho fundamenta-se em alguns conceitos-chave que orientam a análise das revistas ilustradas argentinas da década de 1920 e sua relação com a modernidade, a cultura de massas e a identidade nacional. O conceito de modernidade está diretamente associado ao processo histórico de transformação social, cultural e tecnológica que marcou o final do século XIX e o início do XX.

Para José Luis Romero (2000), a modernidade na Argentina foi impulsionada pela urbanização e pela imigração europeia, que transformaram Buenos Aires em uma metrópole cosmopolita e dinâmica. Já Beatriz Sarlo (2007) define a modernidade argentina como “periférica”, marcada pela apropriação criativa de modelos europeus e norte-americanos, reinterpretados segundo a realidade local. Assim, compreender a modernidade implica reconhecer as tensões entre progresso e tradição, inovação e permanência, que caracterizaram a sociedade argentina dos anos 1920, o que significa nas palavras de Sarlo que “a modernidade argentina não foi mera cópia dos centros hegemônicos, mas uma tradução ativa da experiência moderna em um contexto periférico e culturalmente complexo.” (Sarlo, 2007, p. 25).

A noção de cultura de massas é essencial para compreender o papel das revistas ilustradas como mediadoras entre o público e os novos valores urbanos.

Segundo Jesús Martín-Barbero (2001), os meios de comunicação modernos criaram espaços de negociação simbólica nos quais diferentes grupos sociais produzem e reinterpretam significados culturais. Walter Benjamin (1985) complementa essa perspectiva ao discutir o impacto das novas técnicas de reprodução como a fotografia e a rotogravura sobre a percepção estética e a difusão da arte. Nesse contexto, as revistas ilustradas constituíram um instrumento privilegiado de massificação da cultura, ao mesmo tempo em que difundiam novos modelos de consumo, comportamento e visualidade.

A identidade cultural é entendida, neste trabalho, como um processo dinâmico e em constante construção, resultante da interação entre memória, representação e pertencimento. De acordo com Stuart Hall (2003), as identidades não são fixas nem imutáveis, mas formadas por meio de discursos e práticas culturais. Eduardo Romano (2001) destaca que a imprensa ilustrada desempenhou papel central na formação de um imaginário nacional moderno, ao oferecer aos leitores representações idealizadas da vida urbana e da nação. Assim, as revistas argentinas dos anos 1920 contribuíram para definir quem eram os “novos argentinos” da modernidade, articulando símbolos nacionais e estrangeiros. Como sintetiza Romano (2001, p. 53), “as revistas não eram apenas veículos informativos, mas oficinas de identidade, onde se forjavam os rostos e as vozes da modernidade argentina”.

O termo *revista ilustrada* refere-se às publicações periódicas que utilizam imagens, fotografias e ilustrações como elementos estruturantes do conteúdo. Conforme Margarita Pierini (2001), as revistas ilustradas argentinas foram responsáveis por introduzir uma nova visualidade moderna, que combinava arte, humor e publicidade em um mesmo espaço editorial. Cora Gamarnik (2008) acrescenta que essas revistas representaram uma verdadeira revolução gráfica e simbólica, ao tornar a imagem um veículo central de comunicação e de poder simbólico. Dessa forma, as revistas não apenas refletiam a sociedade, mas produziam discursos visuais que moldavam sensibilidades e valores. Como afirma Pierini (2001, p. 42), “as revistas ilustradas constituíram um laboratório gráfico e cultural da modernidade, onde texto e imagem se fundiam na construção de sentidos”.

A expressão “Anos Loucos” designa a atmosfera de efervescência cultural e de experimentação artística que marcou a década de 1920. Segundo Eric Hobsbawm (1995), esse período foi caracterizado por um otimismo generalizado após a Primeira Guerra Mundial, marcado pela ascensão do consumo, das artes e da vida urbana,

pois “os anos 1920 foram o tempo da aceleração e do entusiasmo: uma década que acreditou poder reinventar a vida.” (Hobsbawm, 1995, p. 89).

A escolha por esse tema se justifica pela relevância histórica e cultural que as revistas ilustradas tiveram na construção da identidade nacional argentina no início do século XX. A análise dessas fontes permite compreender como os meios de comunicação impressa participaram ativamente da modernização cultural da sociedade argentina, promovendo novos modelos de subjetividade, consumo e pertencimento social. Além disso, este trabalho busca contribuir para o campo da História Cultural, ampliando o conhecimento sobre os modos de circulação de ideias, valores e imagens em um momento crucial da formação da cultura de massas na América Latina.

As principais fontes primárias analisadas foram as revistas *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *El Hogar* e *Atlántida*, selecionadas por sua representatividade editorial, diversidade temática e impacto cultural na sociedade argentina da época. A escolha dessas publicações levou em consideração os seguintes critérios: ampla circulação no período estudado, diversidade de público-alvo, riqueza gráfica e textual, e disponibilidade de acervo digitalizado acessível para consulta.

A análise dessas revistas foi orientada pela observação de elementos visuais (fotografias, ilustrações, caricaturas, publicidade), editoriais (editoriais, colunas fixas, seções temáticas) e discursivos (linguagem, tom, abordagem dos temas), buscando identificar padrões estéticos, valores sociais e estratégias de mediação cultural.

Foram também utilizadas fontes secundárias, como obras de autores que discutem a modernização cultural argentina e os meios de comunicação de massa, entre eles Beatriz Sarlo, Oscar Terán, Jesús Martín-Barbero, Margarita Pierini e Eduardo Romano, cujas contribuições forneceram o arcabouço teórico e analítico necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a dificuldade de acesso a edições completas, bem como a escassez de dados sistematizados sobre o perfil de seus leitores. Além disso, espera-se que a investigação proposta ofereça subsídios para refletir sobre o papel dos impressos ilustrados como agentes históricos e culturais, que atuaram não apenas como espelhos da sociedade, mas também como forças atuantes na sua transformação. Ao lançar luz sobre esse recorte específico da história argentina, pretende-se aprofundar a compreensão sobre os mecanismos de difusão

cultural na modernidade e suas implicações na configuração do cotidiano urbano e simbólico de uma sociedade em processo de redefinição.

O conceito de modernidade é central para compreender as transformações culturais e sociais ocorridas na Argentina da década de 1920. De Luca (2006) destaca que os impressos não devem ser compreendidos apenas como registros do passado, mas também como agentes históricos capazes de produzir sentidos, modelar percepções e disputar interpretações sobre a realidade. Para a autora, jornais e revistas expressam interesses políticos, culturais e econômicos de seus produtores, além de revelar as práticas de leitura e os públicos envolvidos. Dessa forma, a relação entre impresso e história se dá na medida em que a imprensa participa ativamente da construção das representações sociais, e não apenas as documenta.

A modernidade, no contexto argentino, não deve ser entendida como mera importação de padrões estrangeiros, mas como uma construção híbrida e local, caracterizada por tensões entre o cosmopolitismo e as identidades nacionais. Essa modernidade se expressou nas ruas, na arquitetura, nas artes, na publicidade e, principalmente, nos meios de comunicação de massa, entre os quais as revistas ilustradas desempenharam papel de destaque

Portanto, as revistas ilustradas foram um dos principais veículos de comunicação e expressão cultural da Argentina nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Margarita Pierini (2001), essas publicações representaram um marco no processo de modernização gráfica e editorial, combinando textos, caricaturas, fotografias e anúncios publicitários em um formato visualmente atraente.

Mais do que simples fontes de informação, as revistas ilustradas tornaram-se espaços de mediação simbólica, onde se negociavam valores, comportamentos e representações sociais. Cora Gamarnik (2008) observa que a imagem impressa adquiriu, nesse período, um poder comunicativo inédito, capaz de traduzir os ideais de progresso e modernidade em formas acessíveis ao grande público.

Essas revistas difundiam novos padrões de consumo, estéticas e identidades urbanas, sendo fundamentais para compreender a formação da cultura de massas na Argentina dos “anos loucos”. Entre as mais influentes estavam *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *Atlántida* e *El Hogar*, que ajudaram a consolidar um imaginário moderno e cosmopolita. Logo, “as revistas ilustradas constituíram um laboratório gráfico e cultural da modernidade, onde texto e imagem se fundiam na construção de sentidos.” (Pierini, 2001, p. 42).

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o panorama histórico e social da Argentina na década de 1920, destacando as transformações urbanas, políticas e culturais que caracterizaram o período conhecido como os “Anos Loucos”. Parte-se da análise da modernização urbana e do crescimento de Buenos Aires como metrópole latino-americana, impulsionada pela imigração europeia e pelo avanço econômico decorrente do modelo agroexportador.

O texto aborda as mudanças políticas após a Lei Sáenz Peña (1912) e a ascensão da União Cívica Radical com Hipólito Yrigoyen, momento que marca a entrada de setores médios na vida pública e na formação de uma nova cultura política. Também são exploradas as tensões sociais geradas pelo crescimento das classes trabalhadoras e pelas greves urbanas, revelando as contradições entre o progresso econômico e a desigualdade social.

No campo cultural, o capítulo analisa o florescimento da vida boêmia e artística em Buenos Aires com o tango, os cafés, o teatro de revista e a circulação de ideias modernas, além da incorporação de influências estrangeiras nas práticas de consumo e lazer. Nesse cenário, as revistas ilustradas emergem como documentos-monumentos (Le Goff, 1990) para compreender as novas formas de sociabilidade, representação e identidade urbana.

O segundo capítulo discute a emergência das revistas ilustradas como expressão da cultura de massas e produto da modernização técnica e editorial. São analisados os avanços gráficos e tecnológicos como a rotogravura, a tipografia mecânica e a impressão colorida que possibilitaram a difusão de imagens em larga escala e transformaram as práticas de leitura no início do século XX.

Com base em autores como Jesús Martín-Barbero (2001) e Margarita Pierini (2001), o capítulo destaca que a introdução da imagem como elemento central da comunicação visual alterou profundamente a relação entre texto e leitor, tornando a leitura mais dinâmica, fragmentada e acessível a públicos diversos. A revista ilustrada, ao unir fotografia, caricatura, ilustração e publicidade, consolidou-se como símbolo da modernidade visual e meio de mediação entre o público e o mundo urbano.

O capítulo também examina o papel da publicidade como linguagem moderna de persuasão, voltada para a formação de desejos e identidades de consumo, especialmente entre as classes médias urbanas. As revistas passam, assim, a desempenhar uma função pedagógica e estética, ensinando seus leitores a ver, vestir-se, consumir e comportar-se segundo padrões modernos. A partir dessa análise, o

capítulo evidencia que a imprensa ilustrada não apenas comunicava, mas produzia cultura moldando comportamentos e valores sociais.

Neste capítulo, realiza-se uma análise comparativa das quatro principais revistas ilustradas argentinas da década de 1920 *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *El Hogar* e *Atlántida*, observando suas características gráficas, temáticas e ideológicas.

A revista *Caras y Caretas* é analisada como exemplo de humor político e crítica social, cuja linguagem satírica e visual contribuiu para a formação de uma consciência urbana e cidadã. *Fray Mocho*, por sua vez, é abordada como representante de um nacionalismo ilustrado, que valorizava tradições regionais e a identidade argentina frente à influência estrangeira.

Já *El Hogar* é examinada como veículo de construção da domesticidade moderna, voltada principalmente ao público feminino, ao difundir padrões de comportamento, consumo e estética burguesa. Por fim, *Atlántida* é interpretada como expressão da modernidade cosmopolita, destinada à juventude urbana e atenta às tendências culturais internacionais, como o cinema, a psicanálise e a moda.

O capítulo conclui mostrando que, apesar das diferenças, essas revistas compartilharam o papel de mediadoras culturais, promovendo uma pedagogia visual da modernidade e contribuindo para a formação de uma identidade nacional urbana e plural.

O último capítulo aprofunda a discussão sobre o impacto simbólico e social das revistas ilustradas na sociedade argentina dos anos 1920. A partir da análise de autores como Valobra (2010), Romano (2001) e Schwartz (2001), o texto mostra como essas publicações foram fundamentais na criação de novos padrões de beleza, comportamento e consumo, especialmente no que diz respeito à representação de gênero e à construção da figura da “mulher moderna”.

O capítulo evidencia também o papel das revistas na construção do imaginário nacional, ao mesclar símbolos tradicionais como o tango, o gaúcho e o criollismo com representações cosmopolitas inspiradas na cultura europeia e norte-americana. Assim, as revistas tornaram-se espaços de negociação simbólica entre o local e o global, o moderno e o tradicional.

Além disso, são analisadas as relações das revistas com outras expressões culturais contemporâneas, como o cinema, o rádio e a literatura. Mostra-se como as revistas não apenas divulgavam essas formas de arte, mas também colaboravam para legitimá-las e integrá-las ao cotidiano urbano. O capítulo conclui apontando que as

revistas ilustradas foram instrumentos de modernização cultural, ao mesmo tempo em que revelaram as tensões e contradições da sociedade argentina na transição para a modernidade.

O trabalho encerra com uma reflexão sobre o legado histórico e simbólico das revistas ilustradas na cultura argentina. Destaca-se que essas publicações ultrapassaram o papel de meros registros jornalísticos e se afirmaram como agentes ativos da modernização, participando da construção de imaginários nacionais e de identidades sociais.

A análise desenvolvida ao longo dos capítulos demonstra que as revistas ilustradas foram protagonistas na difusão da cultura de massas e na formação de uma sensibilidade moderna na Argentina. Suas páginas condensaram o espírito dos “Anos Loucos”, combinando progresso, consumo, estética e contradição, marcas permanentes da modernidade latino-americana.

## **2 A ARGENTINA NOS “ANOS LOUCOS”: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DA DÉCADA DE 1920**

A década de 1920 representou, para a Argentina, um dos momentos mais marcantes do processo de modernização urbana, cultural e política iniciado no final do século XIX. Esse período, que ficou conhecido como os “Años locos”, foi caracterizado por intensas transformações nos hábitos de vida, na produção cultural e nos padrões de sociabilidade, sobretudo nas grandes cidades como Buenos Aires, Rosario e Córdoba. A efervescência cultural, a diversificação dos meios de comunicação, o crescimento da classe média e a influência de modelos culturais europeus contribuíram para configurar uma sociedade em acelerada mutação, marcada tanto pelo entusiasmo modernizador quanto por profundas contradições sociais. Como afirma Sarlo (2007, p. 17), esse processo foi marcado pela convivência entre formas locais de vida urbana e a recepção criativa de modelos estrangeiros, em um esforço por “reinterpretar a modernidade europeia a partir de uma periferia ativa e culturalmente complexa”.

O problema central do capítulo é parte da questão: como as revistas ilustradas argentinas da década de 1920 expressaram e ajudaram a construir um conceito de modernidade no contexto cultural do país? Essa indagação orienta o diálogo com diferentes perspectivas teóricas sobre modernidade, cultura de massas, identidade nacional e meios de comunicação impressos, buscando compreender de que forma esses impressos atuaram como mediadores entre o tradicional e o moderno, o local e o cosmopolita.

A década de 1920 representou um momento de intensas transformações sociais e simbólicas na Argentina, marcado pela urbanização acelerada, pelo crescimento das classes médias e pela ampliação dos espaços de consumo e lazer. Nesse cenário, as revistas ilustradas tornaram-se veículos privilegiados de circulação de ideias, comportamentos e estéticas modernas. Por meio de imagens, caricaturas, fotografias e anúncios, elas difundiram novos modos de ver o mundo, promovendo uma pedagogia visual da modernidade.

Com base nessa problemática, a revisão de literatura tem como objetivo mapear as principais interpretações acadêmicas sobre a modernidade argentina e o papel da imprensa ilustrada nesse processo. Autores como Beatriz Sarlo (2007) e José Luis Romero (2000) oferecem as bases para compreender a modernidade como

um fenômeno ambíguo ao mesmo tempo periférico e criativo, no qual a Argentina reinterpretou influências estrangeiras segundo suas próprias experiências urbanas e culturais.

Em complemento, Jesús Martín-Barbero (2001) e Walter Benjamin (1985) permitem compreender a modernidade como um fenômeno mediático e sensorial, em que a cultura visual e os meios de comunicação desempenham papel central na formação de sensibilidades modernas. Já estudiosos como Margarita Pierini (2001), Cora Gamarnik (2008) e Eduardo Romano (2001) exploram especificamente a imprensa ilustrada como um espaço de produção de sentido e de construção simbólica da identidade nacional.

Dessa forma, a revisão busca demonstrar que o conceito de modernidade, na Argentina dos “Anos Loucos”, não se limitou a uma mera adoção de modelos europeus, mas resultou de um processo de apropriação e ressignificação cultural em que as revistas ilustradas desempenharam papel decisivo. Elas não apenas representaram a modernidade, elas a fizeram existir no imaginário coletivo, transformando a experiência urbana, os hábitos de leitura e as formas de perceber o mundo moderno.

O estudo da cultura argentina nas primeiras décadas do século XX exige o diálogo com diferentes campos do saber, como a história cultural, a sociologia da comunicação, os estudos de mídia e a crítica literária. A compreensão da função social das revistas ilustradas, enquanto produtos editoriais e veículos de difusão de valores culturais, passa pela análise de suas formas, conteúdos e contextos de produção e recepção. A bibliografia existente sobre o tema oferece contribuições significativas para entender como tais publicações ajudaram a moldar a modernidade argentina.

Entre os autores mais relevantes para esse debate está Beatriz Sarlo (2007), que em sua obra *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930* analisa os processos de modernização da cultura urbana na Argentina, com destaque para a circulação de bens simbólicos e a emergência de novas formas de leitura e consumo cultural. Sarlo propõe que a modernidade argentina foi marcada por tensões entre tradição e inovação, e que a imprensa ilustrada desempenhou papel central na construção de uma estética moderna, acessível e visual, voltada a um público cada vez mais amplo.

No campo da história política e cultural da Argentina, Tulio Halperín Donghi (1998) contribui com uma visão ampla das transformações sociais e institucionais do

país no início do século XX. Em obras como *Una nación para el desierto argentino*, o autor mostra como o crescimento urbano e a imigração maciça redefiniram a estrutura social argentina, criando demandas culturais e consolidando uma opinião pública urbana, cenário no qual as revistas ilustradas se inserem como mediadoras da modernidade.

A discussão sobre a cultura de massas e sua articulação com os meios de comunicação é aprofundada por Jesús Martín-Barbero (2001), que destaca a importância da mídia como espaço de negociação simbólica entre diferentes grupos sociais. Embora o autor se concentre em um contexto latino-americano mais amplo, suas reflexões sobre os modos de recepção e os processos de tradução cultural são fundamentais para pensar a função das revistas na constituição de uma cultura nacional moderna e diversificada.

No campo específico dos estudos sobre imprensa ilustrada na Argentina, destacam-se os trabalhos de Margarita Pierini (2001), que examina a iconografia e os discursos presentes em publicações como *Caras y Caretas* e *Fray Mocho*. A autora analisa como essas revistas, por meio do uso de caricaturas, fotografias e crônicas humorísticas, colaboraram para a formação de uma identidade urbana moderna, frequentemente tensionada entre o popular e o erudito, o nacional e o estrangeiro.

Outro nome relevante é Oscar Terán (1993), que investiga o papel dos intelectuais argentinos na virada para o século XX. Em *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siècle*, Terán aponta como a imprensa ilustrada se transformou em plataforma de debate público e instrumento de difusão de ideias, especialmente entre setores médios da população urbana, que buscavam participar da vida cultural da capital.

Esses autores formam a base teórica para a análise proposta neste trabalho. A partir de suas contribuições, será possível compreender as revistas ilustradas não apenas como fontes históricas, mas como agentes ativos na construção de uma cultura moderna, urbana e visual, profundamente conectada às transformações vividas pela sociedade argentina na década de 1920.

Do ponto de vista político, o país vivia os efeitos da Lei Sáenz Peña de 1912, que instituiu o voto secreto, obrigatório e universal (para homens), o que provocou mudanças significativas na representação política. A chegada ao poder da Unión Cívica Radical, com a eleição de Hipólito Yrigoyen em 1916, marcou a ascensão de setores médios urbanos à cena política nacional. Como observa Tulio Halperín Donghi

(1998, p. 173), o yrigoyenismo representava “uma forma de populismo moderado que buscava conciliar os interesses populares com a ordem liberal vigente, sem romper com as estruturas tradicionais do poder”. Complementando essa análise, Sabato (2004, p. 203) aponta que a nova legislação eleitoral permitiu a mobilização de setores antes excluídos do jogo político formal, consolidando uma nova dinâmica de participação popular centrada no voto e na figura do líder.

No campo econômico, a Argentina ainda era fortemente dependente do modelo agroexportador, baseado na produção de carne e cereais voltados ao mercado europeu. No entanto, após a Primeira Guerra Mundial, houve uma reconfiguração nas dinâmicas de exportação, e alguns setores industriais começaram a se desenvolver, sobretudo aqueles ligados ao consumo urbano, como têxtil, alimentício e editorial. Essa transição econômica permitiu o surgimento de uma burguesia urbana voltada ao comércio, aos serviços e à produção cultural, que passou a ocupar espaços importantes na vida social. Como afirma Torre (2002, p. 45), “a expansão de atividades industriais leves e urbanas [...] deu origem a uma burguesia comercial e industrial com peso crescente na sociedade urbana”, mesmo que o setor agroexportador continuasse sendo o pilar da economia nacional.

O crescimento urbano e populacional das principais cidades argentinas também foi impressionante. Buenos Aires, por exemplo, ultrapassava os dois milhões de habitantes em meados da década de 1920, sendo considerada uma das capitais mais modernas da América Latina. Segundo Beatriz Sarlo:

“A cidade se converteu em uma vitrine da modernidade periférica, na qual conviviam traços do cosmopolitismo europeu com formas de sociabilidade popular autênticas, como o tango e os cafés de bairro. Essa modernidade não implicava uma mera cópia de modelos centrais, mas uma recepção ativa e criativa, em que os habitantes de Buenos Aires reconfiguravam as influências externas segundo suas próprias experiências culturais. (SARLO, 2007, p. 25).

Essa “modernidade periférica”, conforme a autora define, implicava a recepção criativa de modelos europeus e norte-americanos, reinterpretados segundo os contextos sociais e simbólicos locais.

Um dos traços mais significativos desse período foi o aumento da presença dos imigrantes europeus na vida urbana argentina. Italianos, espanhóis, russos, judeus e árabes se estabeleceram nos bairros populares de Buenos Aires, criando uma teia complexa de relações culturais, linguísticas e econômicas. Os filhos desses

imigrantes, muitas vezes já nascidos na Argentina, formavam a base da nova classe média e participavam ativamente da vida pública, escolar, cultural e política. Como ressalta Oscar Terán (1993, p. 89), “os filhos da imigração, educados nas escolas laicas da Reforma de 1918, foram os sujeitos privilegiados do projeto de modernização nacional”

Essa efervescência urbana foi acompanhada por mudanças nos padrões culturais e nos modos de consumo. O rádio, o cinema e a fotografia passaram a fazer parte do cotidiano, criando formas de representação do real e de circulação de símbolos. Os jornais e, principalmente, as revistas ilustradas, encontraram nesse ambiente um público leitor amplo e diversificado, ávido por informações sobre moda, comportamento, política, literatura, artes e entretenimento. Segundo Margarita Pierini (2001, p. 42), “as revistas da década de 1920 constituíram uma janela pela qual os argentinos podiam observar e imaginar a modernidade, tanto em sua versão local quanto nas suas manifestações estrangeiras”

A vida cultural, por sua vez, experimentava uma intensa expansão. Os cafés literários, os clubes sociais, os teatros de revista e os salões de tango tornaram-se espaços privilegiados de circulação de ideias e de sociabilidade moderna. A figura do intelectual urbano, muitas vezes vinculado à imprensa, assumiu centralidade na produção e mediação de discursos públicos. Além disso, a crescente presença das mulheres nos espaços públicos como escolas, faculdades, escritórios e até mesmo na imprensa deu origem a debates sobre os papéis de gênero, a sexualidade e a liberdade feminina. A figura da “mujer moderna”, símbolo da autonomia e do estilo cosmopolita, foi promovida e ao mesmo tempo domesticada pelas revistas ilustradas, como *El Hogar* e *Atlántida*, que mesclavam modelos de emancipação e conservação moral (Sarlo, 2007; Pierini, 2001).

Apesar desse clima de aparente progresso, o país também vivia tensões sociais significativas. Greves operárias, repressões violentas (como a Semana Trágica de 1919), eclodiram em meio à promessa de integração nacional, revelando a precariedade das conquistas populares. As elites, por sua vez, ora aderiam ao discurso modernizador, ora o combatiam em nome da moral e da tradição. As revistas, ao assumirem o papel de mediadoras culturais, também reproduziam esses conflitos: muitas vezes exaltavam o progresso técnico e os novos comportamentos urbanos, mas também reforçavam estereótipos, preconceitos e visões conservadoras da sociedade. Varela (2008, p. 64, tradução nossa) afirma que:

As revistas ilustradas eram cenários privilegiados nos quais se jogavam as tensões entre a tradição e a modernidade. Ali se exaltavam as novidades do consumo, da moda e do espetáculo, mas também se difundiam discursos de controle social, moralismo e vigilância dos costumes. Longe de serem veículos neutros, funcionavam como dispositivos de regulação simbólica em uma sociedade que mudava rapidamente.

Logo, conforme Varela (2008), é possível indicar a tensão em torno das revistas ilustradas, pois expressam uma possível relação entre a tradição e modernidade na Argentina. Desse modo, ao mesmo tempo que celebram novidades do consumo, da moda e do espetáculo, mas também difundiam discursos de controle social, moralismo e defesa de valores tradicionais.

Em resumo, os “Anos Loucos” na Argentina foram um período de ambiguidade histórica: ao mesmo tempo em que expressaram o entusiasmo pela modernidade e o avanço das comunicações, expuseram as contradições de uma sociedade em transformação. As revistas ilustradas surgem, nesse contexto, como fontes privilegiadas para a análise histórica, pois registraram e muitas vezes ajudaram a forjar os imaginários sociais da modernidade argentina. Com seu apelo visual, linguagem acessível e diversidade temática, tornaram-se espelhos e vetores dos anseios de uma sociedade em busca de identidade e reconhecimento no cenário moderno internacional. Desse modo, passamos pensar a revista ilustrada como forma de articulação entre os projetos de modernidade e constituição do nacionalismo.

### 3 A IMPRENSA ILUSTRADA COMO NOVA FORMA DE COMUNICAÇÃO

Mudanças tecnológicas acerca dos processos de impressão durante o final do século XIX e início do século XX transformou radicalmente a produção e o consumo da informação escrita na Argentina. A introdução da rotogravura, da tipografia mecânica e, posteriormente, da impressão offset possibilitou uma produção em massa de revistas e jornais ilustrados, com imagens cada vez mais detalhadas, nítidas e coloridas, um salto qualitativo em relação ao modelo predominantemente textual e monocromático que dominava o século XIX.

Segundo Martín-Barbero (2001), as novas tecnologias gráficas não só aumentaram a circulação dos meios impressos, mas também alteraram a forma como as mensagens eram recebidas pelo público. A imagem ganhou centralidade como elemento simbólico, sendo capaz de captar a atenção imediata do leitor e oferecer múltiplos níveis de interpretação. A rotogravura, em particular, viabilizou a reprodução em larga escala de fotografias e ilustrações de alta qualidade, o que influenciou diretamente o design editorial das revistas ilustradas da época.

A evolução das técnicas de impressão durante o início do século XX não apenas ampliou o alcance dos jornais e revistas, mas revolucionou a forma como as mensagens eram visualmente construídas. A imagem deixou de ser mera acompanhante do texto para assumir um papel protagonista, capaz de comunicar emoções, valores e ideologias em uma linguagem visual que ultrapassava as barreiras da alfabetização. (Martín-Barbero, 2001, p. 87).

A redução dos custos de impressão e o barateamento do papel permitiram que esses produtos editoriais alcançassem públicos mais amplos e diversificados, especialmente as crescentes classes médias urbanas. Conforme destaca Pierini (2001):

A democratização do acesso às imagens impressas constituiu um fator essencial para a formação do mercado cultural de massa na Argentina, que se consolidou entre as décadas de 1910 e 1930. Essa nova visualidade não só refletia a modernidade em sua dimensão técnica, mas também em seus aspectos culturais e sociais. (Pierini, 2001, p. 38).

Outro aspecto fundamental foi a melhoria dos sistemas de distribuição, principalmente em Buenos Aires e outras grandes cidades, que contavam com uma rede mais eficiente de livrarias, bancas de jornal e quiosques, facilitando o acesso rápido e cotidiano às publicações. Segundo Pierini (2001, p. 38),

a urbanização acelerada, o aumento da mobilidade social e o crescimento das classes médias criaram uma demanda crescente por produtos culturais que fossem ao mesmo tempo informativos, didáticos e de entretenimento, função perfeitamente preenchida pelas revistas ilustradas.

A chegada das revistas ilustradas correspondeu a uma verdadeira revolução no consumo cultural e na construção do imaginário social. A imagem, que até então exercia um papel secundário em relação ao texto escrito, tornou-se protagonista. Fotografias, caricaturas, anúncios publicitários, desenhos e colagens passaram a integrar as páginas das publicações, formando narrativas visuais que dialogavam diretamente com os valores e aspirações da sociedade urbana.

Segundo Beatriz Sarlo (2007):

A imagem assumiu uma centralidade inédita nas práticas culturais da década de 1920, funcionando não apenas como ilustrativa, mas como produtora de sentidos que participavam da construção da identidade moderna. A revolução da imagem mudou as práticas de leitura, o consumo cultural e a própria relação entre produtores e consumidores de cultura (Sarlo, 2007, p. 43).

A publicidade também experimentou um crescimento exponencial nesse cenário. As empresas perceberam nas revistas ilustradas um canal privilegiado para alcançar consumidores urbanos com perfil crescente de poder aquisitivo e interesses variados, desde moda e beleza até eletrodomésticos e automóveis. Como destaca Varela (2008):

A publicidade não vendia somente produtos, mas, sobretudo, vendia uma ideia de modernidade, de consumo e de pertencimento social. Era um convite a adotar estilos de vida que associavam consumo, progresso e distinção social (Varela, 2008, p. 57).

Esses anúncios publicitários ajudavam a consolidar padrões de consumo, comportamento e estética associados à classe média emergente, incentivando hábitos de consumo que reforçavam a ideia de progresso e sofisticação. O anúncio publicitário tornava-se, assim, um veículo simbólico que promovia uma identidade social desejada, mas também contribuía para a construção de estereótipos sociais e culturais, muitas vezes reproduzindo preconceitos de gênero, classe e etnia.

A consolidação das revistas ilustradas nos anos 1920 se relaciona diretamente com a transformação da leitura em uma prática cultural cotidiana e urbana. Com o crescimento da alfabetização e a expansão do sistema escolar argentino, o acesso à leitura deixou de ser privilégio restrito às elites e passou a atingir um público mais

amplo, sobretudo as classes médias urbanas que buscavam inserir-se nos novos padrões culturais e sociais. De acordo com Altamirano (2005):

A leitura das revistas ilustradas era uma prática social que transcendia a simples recepção de informação; tratava-se de um ato cultural complexo, que envolvia lazer, formação de identidade e inserção nos circuitos da modernidade. Era uma leitura fragmentada, imediata, que dialogava com a velocidade e a multiplicidade da vida urbana.” (Altamirano, 2005, p. 31).

Essa experiência de leitura era muitas vezes coletiva, realizada em espaços públicos como cafés, salões de beleza e clubes sociais, onde se discutiam temas de moda, política, esportes e comportamento. O formato fragmentado e diversificado das revistas que combinavam notícias, crônicas, reportagens, ilustrações e anúncios, refletia a velocidade e multiplicidade da vida urbana moderna, que valorizava o consumo rápido de informação e entretenimento. As revistas se tornaram também redes de sociabilidade e pertencimento, principalmente para mulheres, jovens e novos grupos sociais que encontravam nessas publicações representações de seus estilos de vida e aspirações.

Importante destacar que, embora amplamente consumidas, as revistas também reproduziam as tensões sociais da época. A linguagem utilizada oscilava entre o cosmopolitismo aspiracional e a manutenção de normas sociais tradicionais, especialmente em relação ao gênero, à raça e à classe. Como enfatiza Sarlo (2007):

A leitura das revistas ilustradas era simultaneamente uma experiência de inclusão e exclusão, pois promovia certos modelos culturais ao mesmo tempo em que marginalizava outros. Essa ambivalência refletia as contradições da sociedade moderna em que se inseriam (Sarlo, 2007, p. 49).

A análise das revistas ilustradas selecionadas, justifica-se porque elas representam de forma privilegiada o projeto cultural, estético e ideológico que se consolidou na Argentina das décadas de 1910 e 1920, voltado à afirmação de uma modernidade urbana, cosmopolita e integrada aos valores de consumo e progresso técnico. Como observa Sarlo (2007), essas publicações foram instrumentos centrais na difusão de “modelos culturais que pretendiam ordenar a experiência moderna” (p. 49), tornando-se porta-vozes de um imaginário que buscava harmonizar a vida urbana sob os códigos da distinção social, da mobilidade e da visualidade moderna. As revistas escolhidas pertencem, portanto, a um projeto de modernidade que se

articulava aos interesses das classes médias e das elites urbanas, reforçando padrões de comportamento, gênero e consumo alinhados à ordem social vigente.

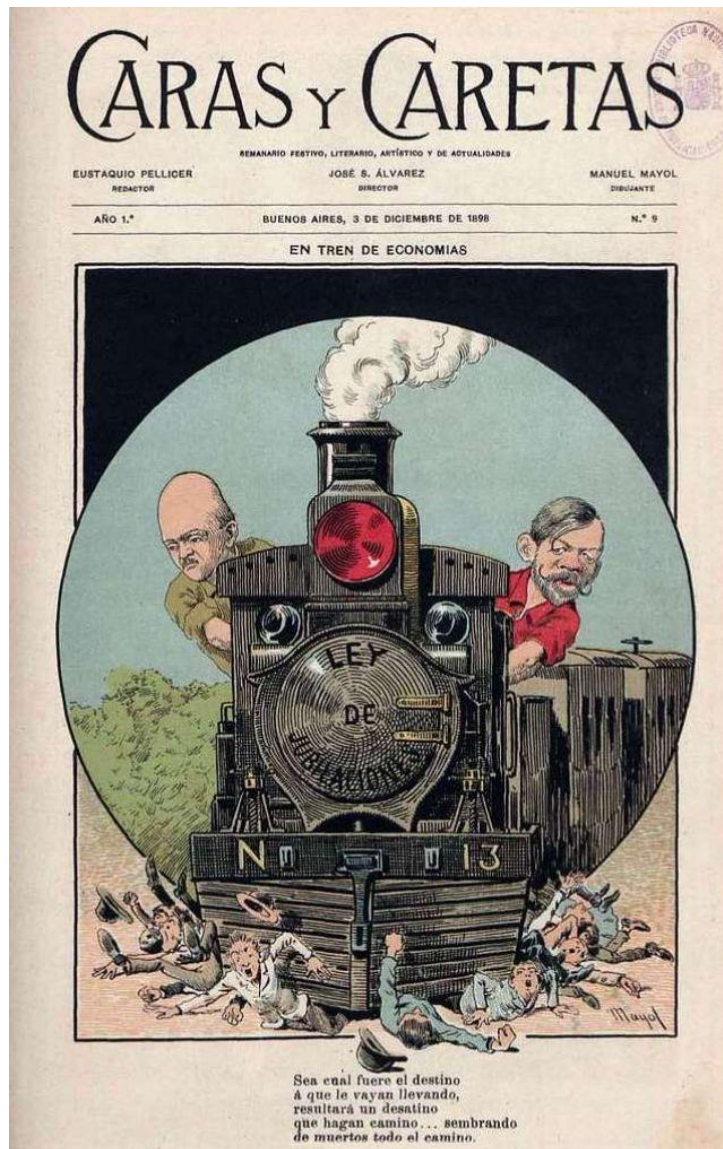
Essa Argentina projetada pelas revistas convivia com outra Argentina, formada pelos trabalhadores, suas organizações e suas lutas, cuja experiência social e política raramente encontrava espaço nessas páginas. Como assinala Altamirano (2005, p. 31), a modernidade argentina foi atravessada por profundas tensões sociais, nas quais “os setores populares construía suas próprias formas de sociabilidade e resistência”, frequentemente invisibilizadas pela imprensa ilustrada. Assim, a seleção dessas revistas permite compreender não apenas o projeto hegemônico de modernidade difundido nos “anos loucos”, mas também as ausências e silenciamentos que revelam as disputas pela construção do imaginário nacional.

## 4 ANÁLISE DAS REVISTAS ILUSTRADAS

### 4.1.1 *Caras y Caretas*: humor político e crônica da vida urbana

Publicada desde 1898, *Caras y Caretas* consolidou-se como uma das revistas ilustradas mais influentes da Argentina até a década de 1930. Seu estilo gráfico combinava fotografia, ilustração e caricatura com alta sofisticação visual. As capas, muitas vezes coloridas e repletas de simbolismo, já antecipavam o tom satírico e crítico do conteúdo interno.

Figura 1- Capa revista *Caras y Caretas*



Fonte: *Caras y Caretas* (1920).

A capa da revista *Caras y Caretas* ilustrada na Figura 1, apresenta uma charge política que utiliza a metáfora de uma locomotiva para criticar o rumo das políticas econômicas do período. No centro da imagem, o trem avança de forma implacável, trazendo inscrita a palavra “Ley”, enquanto figuras humanas são esmagadas nos trilhos, sugerindo os impactos sociais negativos das decisões governamentais. Os personagens posicionados sobre a locomotiva remetem a líderes políticos da época, retratados de maneira caricatural, reforçando o tom satírico característico da revista. A cena, intitulada “En tren de economías”, evidencia uma crítica direta às medidas de austeridade e às consequências dessas políticas para a população, recurso visual frequente nas revistas ilustradas argentinas da década de 1920 como forma de intervenção no debate público.

Os temas abordados na revista oscilavam entre a política, o humor, a vida cotidiana e a cultura popular. Com frequência, a revista lançava mão de caricaturas para satirizar figuras do cenário político argentino, criando uma linguagem visual acessível, mas politicamente engajada. Ao mesmo tempo, oferecia crônicas sobre a vida urbana, artigos literários, reportagens sobre avanços científicos e tecnológicos, e curiosidades internacionais. Essa pluralidade editorial era uma marca das “magazines” ilustradas nas grandes cidades argentinas no início do século XX, publicações voltadas a um público crescente e diversificado.

Como assinala a historiografia sobre a imprensa ilustrada, revistas pioneiras desse formato combinaram “conteúdo atual e variado, com forte apelo aos conteúdos visuais desde a caricatura até a fotografia” (Cuarterolo, 2017, p. 45), assumindo um papel central na construção de espaços de sociabilidade e leitura de massas em meio às transformações urbanas e demográficas da época (Gamarnik, 2018; Valinoti, 2019). Para além da sátira política presente nas charges e caricaturas, essas revistas funcionavam como veículos de difusão cultural e científica, contribuindo para a formação de um “habitus visual moderno” e para a legitimação de novos públicos leitores.

O público-alvo da revista era amplo e diversificado, abrangendo setores médios letrados, profissionais liberais, estudantes e pequenos comerciantes, constituindo um público urbano atento às transformações sociais, político-culturais e sensível ao humor presente nas páginas da publicação. Essa diversidade refletia a intenção das revistas ilustradas de atingir leitores que buscavam tanto informação quanto

entretenimento, combinando conteúdos políticos, crônicas literárias e representações visuais acessíveis (Cuarterolo, 2017, p. 52).

Figura 2 - Revista Caras y Caretas



Fonte: Revista Caras y Caretas (1920).

A página da revista na Figura 2, apresenta uma reportagem ilustrada que aborda a participação masculina nas atividades domésticas, especialmente na cozinha, tema evidenciado pelo título “Ellas y ellos también cocinan”. O conteúdo combina texto jornalístico com fotografias que retratam homens preparando alimentos em diferentes contextos, incluindo figuras públicas, o que reforça a intenção de normalizar e valorizar essa prática. A abordagem revela mudanças nos costumes e nas representações de gênero na sociedade argentina do início do século XX, ao questionar a associação exclusiva das tarefas domésticas ao universo feminino. Ao tratar o tema de forma leve e informativa, a revista cumpre seu papel de difusora de novos hábitos e debates sociais, característica marcante das revistas ilustradas da década de 1920.

Estudos sobre a imprensa argentina destacam que esse tipo de público urbano formava-se em meio a processos de modernização das cidades, expansão educacional e crescente circulação de jornais e revistas ilustradas, criando um leitor crítico e participante das discussões públicas (Gamarnik, 2018; Valinoti, 2019). Além

disso, a revista estimulava a construção de uma identidade cultural compartilhada, ao mesmo tempo em que fortalecia laços de sociabilidade e pertencimento entre os leitores, aproximando-os das tendências internacionais sem perder contato com elementos locais e regionais da cultura argentina. Como destaca Adrián Gorelik (2002), “Caras y Caretas elaborava uma pedagogia do riso e da cidadania. Era uma revista para ensinar a rir da política e, ao mesmo tempo, construir um repertório de participação crítica na vida nacional” (GORELIK, 2002, p. 89).

Figura 3 - Revista Caras y Caretas



Fonte: Revista Caras y Caretas (1920).

Nas duas páginas da revista ilustradas na Figura 3 é possível evidenciar a forte presença da cultura de consumo e da modernidade urbana na década de 1920. À esquerda, observa-se um anúncio publicitário de perfumes, no qual a estética refinada e o discurso sobre personalidade e elegância associam o uso do produto à construção de uma identidade moderna, sobretudo feminina. À direita, a ilustração que acompanha o conto “La fuga”, de Suzanne Normand, apresenta uma mulher em ambiente doméstico, em atitude reflexiva, dialogando com temas como introspecção, sensibilidade e individualidade. A composição visual e textual revela como a revista articulava literatura, publicidade e imagem para difundir novos valores culturais,

comportamentais e estéticos, especialmente ligados ao papel da mulher na sociedade urbana do período.

O impacto cultural da revista foi notável. Ela ajudou a formar um olhar crítico sobre a modernização do país e criou uma galeria de tipos sociais, o político corrupto, o trabalhador ideal, a dama elegante que passaram a compor o imaginário coletivo argentino da época. Sua linguagem visual influenciou outras publicações e consolidou um estilo editorial que mesclava humor com informação e opinião.

A caricatura em *Caras y Caretas* não era apenas uma forma de entretenimento: era uma arma política, uma estratégia pedagógica e um espelho deformante que permitia aos leitores enxergar as contradições da sociedade moderna com certa ironia compartilhada (Sarlo, 1992, p. 75).

*Caras y Caretas* não se limitou a registrar a sociedade de seu tempo, mas atuou ativamente na construção de uma identidade cultural moderna e na articulação entre consumo cultural, política e sociabilidade urbana, deixando um legado duradouro na história da imprensa e da cultura argentina (Valinoti, 2019).

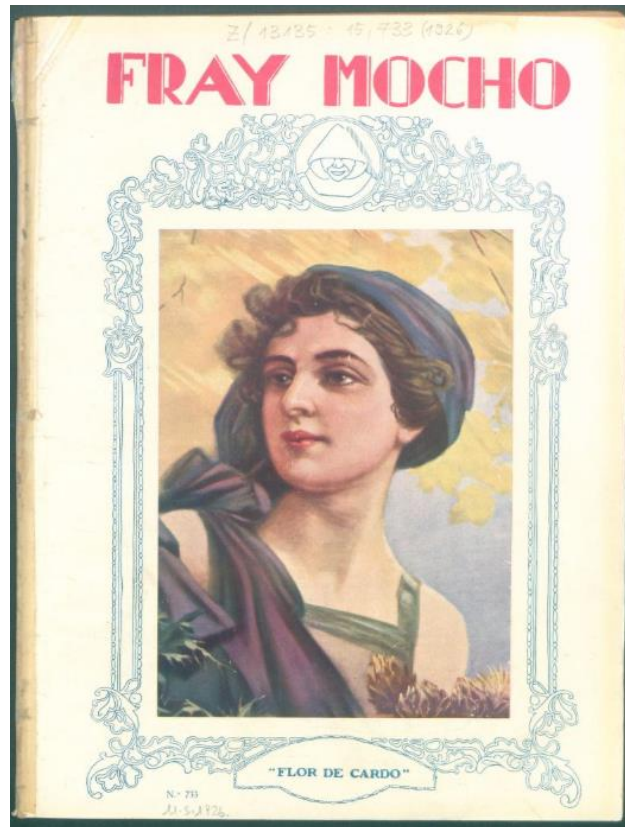
#### **4.1.2 Fray Mocho: nacionalismo ilustrado e regionalismo visual**

Criada em 1912 por ex-integrantes da renomada revista *Caras y Caretas*, *Fray Mocho* consolidou-se como uma publicação de grande relevância no cenário cultural argentino da década de 1910. Embora apresentasse um estilo visual menos extravagante que sua predecessora, manteve um padrão refinado e cuidadoso, evidenciado na qualidade artística de seus desenhos, na xilogravura e nas ilustrações minuciosas que buscavam capturar a diversidade regional da Argentina. Seus artistas retratavam tipos populares, paisagens do interior, festas e costumes locais, além de elementos do folclore, estabelecendo uma narrativa visual intimamente ligada à cultura nacional.

O conteúdo editorial de *Fray Mocho* abordava temas variados, como nacionalismo cultural, vida rural, tradições populares e política nacional, sempre com um toque de humor mais sutil e irônico do que o presente em outras revistas urbanas. Ao enfatizar a riqueza cultural do interior do país e valorizar a identidade argentina, a publicação promovia um discurso de integração nacional, propondo uma Argentina coesa por meio do reconhecimento de suas múltiplas regiões e costumes. Dessa forma, *Fray Mocho* representava uma alternativa às publicações cosmopolitas das

grandes cidades, articulando uma visão de modernidade que dialogava tanto com a tradição quanto com as transformações sociais e políticas do início do século XX.

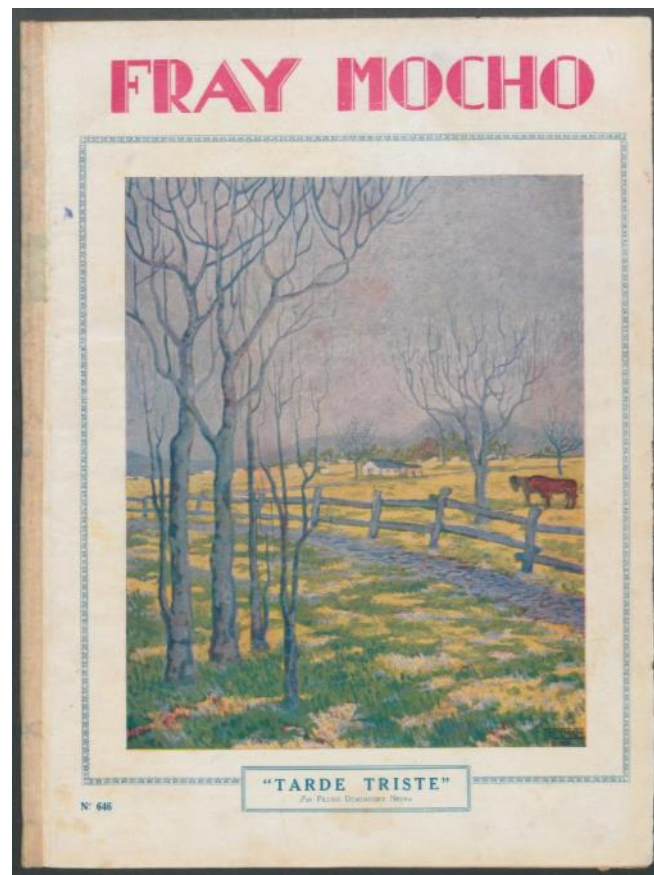
Figura 4 - Capa revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1920).

Na Figura 4, capa da revista Fray Mocho apresenta uma representação feminina idealizada, marcada por traços suaves, expressão serena e vestimentas que remetem a uma estética clássica e elegante. A imagem central destaca a mulher como símbolo de beleza, sensibilidade e refinamento, valores amplamente difundidos pelas revistas ilustradas argentinas no início do século XX. A composição reforça um modelo feminino associado à delicadeza e à contemplação, ao mesmo tempo em que evidencia a preocupação estética da publicação, que utilizava capas artisticamente elaboradas para atrair o público leitor. Esse tipo de representação dialoga com os padrões culturais e sociais da década de 1920, nos quais a mulher ocupava um lugar central nas construções visuais da modernidade, seja como musa, inspiração artística ou referência de estilo.

Figura 5 - Capa revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1920).

Essa outra capa representada na Figura 5, apresenta uma paisagem rural intitulada “Tarde triste”, na qual predominam tons suaves e uma atmosfera melancólica. A cena, composta por árvores despidas, um caminho cercado e um campo aberto, transmite sensações de quietude, introspecção e solidão, distanciando-se das representações urbanas e modernas frequentes nas revistas ilustradas do período. Essa escolha estética evidencia o diálogo da publicação com a arte e a sensibilidade pictórica, valorizando a contemplação e o sentimento como elementos centrais da composição. Ao destacar uma paisagem carregada de emoção, a revista reforça a diversidade temática de suas capas e demonstra como a cultura visual da década de 1920 também incorporava referências ao mundo rural e às expressões artísticas mais subjetivas.

Seu público era composto por leitores com interesses culturais nacionalistas, professores, funcionários públicos, intelectuais e artistas, preocupados com a construção de um “espírito nacional” frente à urbanização acelerada e à influência europeia. Segundo Ana Wortman (2005):

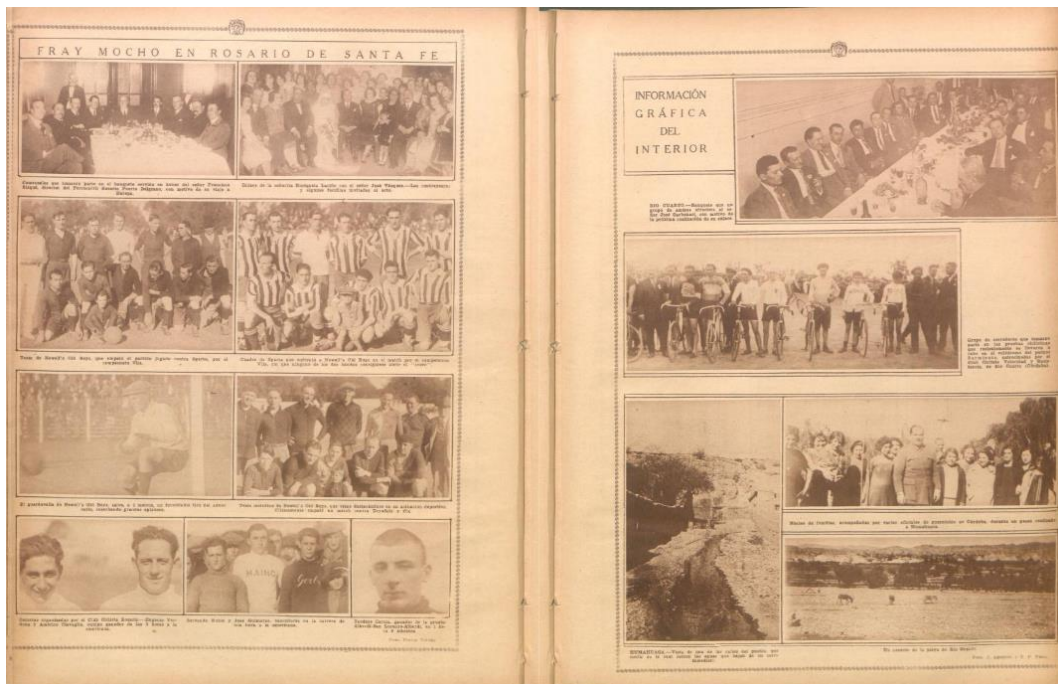
“Fray Mocho apostava em uma estética da argentinidade. Suas imagens e textos propunham uma pedagogia visual do nacional, onde o gaúcho, o interior e a tradição eram recuperados como elementos identitários” (WORTMAN, 2005, p. 117).

Figura 6 - Revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1926).

Figura 7 - Revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1926).

Figura 8 - Revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1926).

A Revista *Fray Mocho* apresentada nas figuras 6,7 e 8 mostram um conjunto de reportagens ilustradas típicas da imprensa argentina do início do século XX, com destaque para fotografias de grupos sociais, eventos públicos, encontros institucionais e cenas do cotidiano em diferentes regiões do país. As páginas combinam textos jornalísticos, crônicas e registros fotográficos que documentam costumes, práticas sociais, viagens ao interior e acontecimentos de interesse público, revelando tanto a vida urbana quanto rural da época.

O impacto cultural da revista manifestou-se na promoção de uma sensibilidade patriótica moderna, articulando tradição e inovação. Embora tivesse circulação menor que *Caras y Caretas*, exerceu significativa influência sobre escritores, ilustradores e pedagogos. Suas páginas refletiam uma preocupação com a formação estética e intelectual do leitor, ao mesmo tempo em que buscavam consolidar uma identidade cultural argentina autêntica, capaz de dialogar com as tendências internacionais sem perder suas raízes locais. Ao valorizar o desenho artístico, a xilogravura e a representação de tipos regionais e elementos folclóricos, a revista não apenas difundia um ideal de modernidade, mas também contribuía para a valorização do patrimônio cultural nacional, tornando-se referência para os profissionais das artes e da educação que buscavam compreender e transmitir a complexidade da sociedade argentina da época. Esse movimento de valorização visual e editorial inseriu-a no

contexto mais amplo de transformações da imprensa ilustrada na Argentina processo que implicou na profissionalização do fotoperiodismo e no desenvolvimento de novos públicos leitores (Gamarnik 2018; Cuarterolo 2017).

Figura 9 - Revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1926).

Neste recorte da revista na Figura 9, mostra uma edição com forte ênfase na vida social e cultural da época, reunindo fotografias e textos que registram acontecimentos familiares, eventos sociais e cenas do cotidiano. Observam-se retratos individuais, casamentos, grupos familiares e imagens que ilustram práticas sociais e costumes do início do século XX, evidenciando valores, modos de vestir e formas de sociabilidade daquele período. A organização das páginas combina seções informativas e colunas sociais, reforçando o papel da revista como um importante meio de documentação visual e jornalística da sociedade argentina.

#### 4.1.3 El Hogar: domesticidade moderna e cultura de consumo

*Fundada em 1904, El Hogar* destacou-se por seu estilo visual elegante e editorial voltado para a classe média urbana, especialmente mulheres. A revista trazia fotografias sofisticadas, layout simétrico e anúncios publicitários integrados ao conteúdo gráfico elementos que apontavam para a profissionalização do design editorial e da cultura visual moderna.

Os temas giravam em torno da moda, da vida doméstica, das artes, da literatura e das relações sociais. Reportagens sobre casamentos, mobiliário, culinária e estilo de vida eram frequentes, além de seções fixas sobre saúde, educação dos filhos e comportamento feminino.

Seu público era majoritariamente feminino, composto por donas de casa, jovens leitoras de classe média e mulheres das elites urbanas. Mas também era lida por homens interessados em cultura, comportamento e literatura. Como aponta Laura Malosetti Costa (2008):

“*El Hogar* era uma escola de sensibilidade moderna. Ensinava a ver, vestir-se, consumir e comportar-se segundo os padrões de uma domesticidade refinada, atualizada pelos modelos franceses e norte-americanos” (COSTA, 2008, p. 203).

Figura 10 - Capa revista El Hogar



Fonte: Revista El Hogar (1920).

A imagem apresenta na Figura 10, apresenta uma publicação ilustrada argentina do início do século XX, que combinava conteúdos culturais, familiares e publicitários. À esquerda, vê-se a capa da revista, com uma ilustração intitulada “*Intimidad*”, retratando uma mulher e uma criança em um ambiente doméstico, imagem que valoriza a maternidade, a vida familiar e os ideais de afeto e cuidado no lar. À direita, aparece uma página interna com um anúncio de águas de colônia e

perfumes, evidenciando o papel da revista como veículo de divulgação de produtos voltados ao consumo e aos hábitos de higiene e elegância da época.

Figura 11 - Revista El Hogar



Fonte: Revista El Hogar (1920).

Figura 12 - Revista El Hogar



Fonte: Revista El Hogar (1920).

Na Figura 11, observa-se uma dupla página composta por textos jornalísticos, ilustrações e anúncios comerciais, abordando temas variados do cotidiano, da vida urbana e do progresso, além de propagandas de produtos de consumo, o que evidencia o caráter informativo e comercial da revista. Na Figura 12, aparecem anúncios mais destacados, como o de presunto cozido e um retrato feminino elegante

associado à publicidade gráfica, reforçando ideais de modernidade, sofisticação e novos hábitos de consumo da época.

O público da revista era majoritariamente feminino, composto por donas de casa, jovens leitoras de classe média e mulheres pertencentes às elites urbanas, refletindo o crescente interesse das mulheres pelas questões culturais, literárias e de comportamento no início do século XX (Altamirano, 2005, p. 78). Contudo, a publicação também conquistava leitores masculinos, especialmente aqueles interessados em cultura, literatura e atualidades, evidenciando seu caráter plural e seu esforço em dialogar com diferentes segmentos sociais (Gamarnik, 2018; Cuarterolo, 2017). Essa diversidade de público permitiu que a revista funcionasse não apenas como um veículo de entretenimento, mas também como um espaço de socialização cultural, contribuindo para a formação de leitores críticos e para a difusão de novos padrões de consumo e de estética urbana. Estudos sobre imprensa ilustrada argentina apontam que, ao direcionar conteúdos específicos para mulheres, a revista consolidava a ideia de uma esfera pública feminina urbana, enquanto mantinha um diálogo com leitores masculinos, criando uma circulação simbólica e cultural que transcendeu barreiras de gênero (Valinoti, 2019, p. 34). Como aponta Laura Malosetti Costa (2008):

“*El Hogar* era uma escola de sensibilidade moderna. Ensinava a ver, vestir-se, consumir e comportar-se segundo os padrões de uma domesticidade refinada, atualizada pelos modelos franceses e norte-americanos” (COSTA, 2008, p. 203).

Figura 13 - Revista El Hogar



Fonte: Revista El Hogar (1920).

Figura 14 - Revista El Hogar



Fonte: Revista El Hogar (1920).

As Figuras 13 e 14 apresentam páginas da Revista El Hogar, destacando especialmente conteúdos relacionados à moda feminina e aos costumes sociais do início do século XX. Na primeira imagem, observa-se uma dupla página com ilustrações de diferentes modelos de vestuário feminino, acompanhadas de anúncios comerciais voltados para datas comemorativas, como Natal e Ano Novo, evidenciando a revista como difusora de tendências, elegância e consumo. Já a segunda imagem traz a seção intitulada “Los Lutos”, que apresenta modelos de roupas de luto, revelando normas sociais e estéticas associadas ao vestuário em períodos de perda, além de reforçar padrões de comportamento e aparência feminina da época.

#### 4.1.4 Atlántida: modernidade cosmopolita e juventude urbana

Lançada em 1918, *Atlántida* foi uma das revistas que melhor representou a modernidade cosmopolita argentina. Com um projeto gráfico moderno, valorizava a fotografia e as composições tipográficas arrojadas, aproximando-se das tendências editoriais de revistas europeias como a francesa *Vu* e a alemã *Berliner Illustrirte Zeitung*. A revista tratava de temas variados: cinema, literatura, moda, psicanálise, comportamento jovem, avanços científicos e cultura internacional. Havia também espaço para o humor, as crônicas urbanas e colunas assinadas por intelectuais de

destaque. *Atlántida* refletia uma Argentina que queria dialogar com Paris, Berlim e Nova York.

Figura 15 - Capa revista Atlántida



Fonte: Revista Atlántida (1913).

A capa da revista *Atlántida*, destacada na Figura 15 evidencia características centrais da imprensa ilustrada do início do século XX, combinando arte, crítica social e representação de costumes. De um lado, observa-se a imagem feminina idealizada, com traços delicados e vestimenta elegante, que reforça padrões de beleza, sofisticação e feminilidade associados à modernidade da época. De outro, a ilustração de caráter satírico apresenta uma cena simbólica e crítica, utilizando personagens e situações alegóricas para comentar questões sociais e políticas do período. Em conjunto, as imagens revelam o papel da revista como espaço de difusão cultural, estética e opinião, refletindo tanto valores sociais quanto debates contemporâneos ao seu tempo.

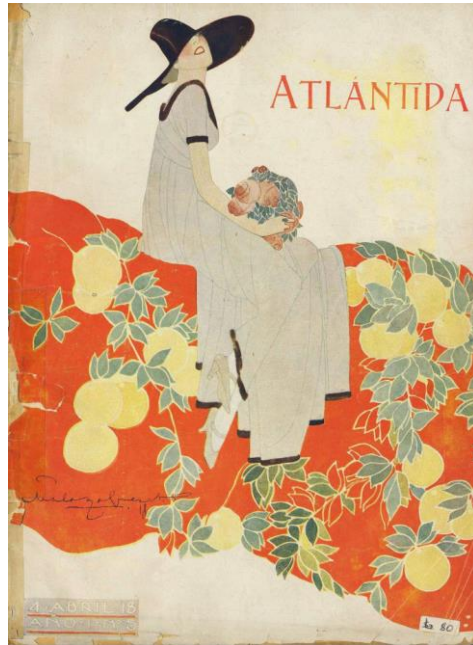
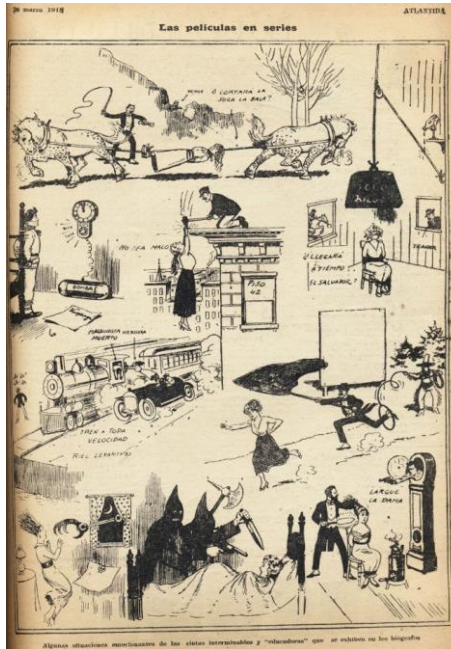
Seu público era predominantemente jovem, urbano, letrado e de classe média. A revista pretendia formar um leitor atualizado com as tendências culturais do mundo e propenso a consumir símbolos da modernidade. Segundo Beatriz Sarlo (2007):

*Atlántida* construiu um imaginário da juventude moderna. Suas páginas falavam uma nova linguagem visual e textual, onde o progresso era representado pela velocidade, pelo estilo e pelo olhar estrangeirado" (Sarlo, 2007, p. 134).

O impacto cultural da revista foi forte no campo das ideias. Ela ajudou a introduzir novas formas de pensar o corpo, o gênero, a cidade e o desejo. Além disso,

seu uso arrojado da imagem fotográfica inspirou transformações gráficas em outras publicações argentinas dos anos 1930.

Figura 16 - Revista Atlántida



Fonte: Revista Atlántida (1913).

Figura 17 - Revista Atlántida

Fonte: Revista Atlántida (1913).

As Figuras 16 e 15 evidenciam a diversidade de conteúdos que caracterizavam a publicação em 1913, reunindo ilustrações artísticas, charges, textos informativos e anúncios. Observam-se desenhos satíricos e narrativas visuais que abordam o cotidiano urbano, o progresso tecnológico, o trabalho e questões políticas e

econômicas, muitas vezes com tom humorístico e crítico. Ao lado disso, a capa ilustrada destaca a estética modernista e a valorização da figura feminina, associada à elegância e à sensibilidade artística. Esse conjunto revela a *Atlántida* como um importante veículo cultural, que combinava entretenimento, arte e reflexão social, dialogando com as transformações e tensões da sociedade do início do século XX.

As quatro revistas analisadas não apenas refletiram os dilemas, sonhos e contradições da sociedade argentina dos anos 1920, mas ajudaram a moldar uma sensibilidade moderna baseada na imagem, na sátira, na tradição e no consumo. Elas foram, cada uma a seu modo, laboratórios culturais e editoriais que anteciparam as transformações midiáticas do século XX.

Tabela 1 - Comparação das revistas ilustradas argentinas da década de 1920

| <b>Revista</b>         | <b>Estilo Visual e Gráfico</b>  | <b>Temas Abordados</b>  | <b>Público-Alvo</b>   | <b>Impacto Cultural</b>  |
|------------------------|---|---|---|--|
| <b>Caras y Caretas</b> | Caricaturas, fotomontagens, ilustrações detalhadas; uso frequente de humor visual         | Política, humor, atualidades, urbanidade, crônicas sociais, literatura                                    | Classes médias urbanas, estudantes, profissionais liberais  | Popularização da crítica política por meio do humor; formação de tipos sociais no imaginário nacional                  |
| <b>Fray Mocho</b>      | Ilustrações artísticas, xilogravuras, estilo mais clássico e regionalista                 | Cultura nacional, tradição, vida rural, política, humor leve  | Intelectuais, professores, leitores com perfil nacionalista | Promoção de uma identidade argentina tradicional; valorização do interior e da cultura popular                         |
| <b>El Hogar</b>        | Layout elegante, uso extensivo de fotografias e publicidade integrada ao design editorial | Moda, vida doméstica, comportamento feminino, artes, literatura, consumo                                  | Mulheres da classe média urbana, elites femininas urbanas   | Consolidação da domesticidade moderna; difusão de padrões de consumo e comportamento femininos                         |
| <b>Atlántida</b>       | Design moderno, fotografias em destaque, tipografia arrojada, estética cosmopolita        | Juventude, cultura urbana, cinema, psicanálise, comportamento, avanços científicos, cultura internacional | Jovens urbanos de classe média, leitores cosmopolitas       | Representação da juventude moderna; difusão de tendências internacionais e construção de uma sensibilidade globalizada |

Fonte: Salvinski (2025).

A Tabela 1 - Comparação das revistas ilustradas argentinas da década de 1920, foi construída a partir de uma pesquisa bibliográfica aliada à análise direta de exemplares das próprias revistas *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *El Hogar* e *Atlántida*. O embasamento teórico fundamentou-se em estudos sobre imprensa, cultura visual e modernidade na Argentina, especialmente nos trabalhos de Rivera (1980; 1998), Sarlo (1988; 2001) e Saítta (2013). Paralelamente, a consulta aos números das revistas permitiu identificar características gráficas, temas recorrentes, públicos-alvo implícitos e discursos culturais predominantes, como o uso do humor político, a valorização da domesticidade feminina e a representação da juventude moderna. A partir da articulação entre essas fontes teóricas e a observação empírica do material editorial, as informações foram sistematizadas em categorias comparativas, o que levou à construção da tabela como instrumento analítico para evidenciar semelhanças e diferenças entre as publicações no contexto sociocultural argentino da década de 1920.

A comparação entre essas quatro revistas ilustradas evidencia a pluralidade de discursos, estilos e estratégias editoriais presentes na imprensa argentina dos anos 1920. Cada publicação, a seu modo, refletia e modelava os valores de diferentes segmentos da sociedade urbana em transformação. Enquanto *Caras y Caretas* e *Fray Mocho* mantinham vínculos mais fortes com o humor político e as tradições nacionais, *El Hogar* e *Atlántida* sinalizavam o desejo de acompanhar os novos padrões culturais globais, especialmente no que diz respeito à moda, ao consumo e aos comportamentos urbanos.

A análise do estilo gráfico revela como essas revistas não apenas transmitiam conteúdos, mas também educavam visualmente seus leitores, moldando sensibilidades modernas por meio da diagramação, da escolha das imagens e da linguagem visual. Como destaca Beatriz Sarlo (2007, p. 48), a imagem impressa, nesse período, "não é apenas adorno ou complemento: ela estrutura a leitura, confere ritmo e sentido à experiência da modernidade";

Além disso, as revistas desempenharam um papel central na construção de identidades sociais e culturais, ao apresentarem modelos de comportamento, estilos de vida e debates contemporâneos. O impacto dessas publicações ultrapassava o âmbito informativo: elas funcionavam como verdadeiras "escolas de cidadania urbana" (Terán, 2008), difundindo não só notícias e imagens, mas também valores, estéticas e imaginários que ajudaram a conformar o espírito da década.

## 5 IMPACTO CULTURAL E SOCIAL DAS REVISTAS

A imprensa ilustrada foi um dos pilares do processo de modernização simbólica na Argentina dos anos 1920. Sua força não residia apenas na capacidade de informar, mas também na de modelar comportamentos, desejos e percepções de mundo. As imagens, os textos e os anúncios publicitários que compunham as revistas ilustradas não só documentavam o cotidiano, mas também prescreviam estilos de vida e valores, legitimando novas formas de ser e estar no mundo urbano moderno.

### 5.1.1 Criação De Novos Padrões De Beleza, Comportamento E Consumo

A década de 1920 assistiu ao surgimento de novas corporalidades, principalmente femininas, como elementos centrais no projeto de modernidade. As revistas destacavam modelos magras, com cabelos curtos (o corte à la garçonnette), roupas leves e maquiagem visível. Essa mulher moderna era ativa, frequentava cinemas e cafés, trabalhava, consumia e cuidava de sua aparência com os produtos recomendados nos anúncios publicitários. Como observa Adriana Valobra (2010):

As revistas femininas da década de 1920 configuram uma pedagogia da feminilidade moderna. Nelas, o corpo feminino é meticulosamente descrito, normatizado e idealizado. As mulheres não só podiam como deviam adaptar-se a um novo padrão de beleza que, embora libertador em alguns aspectos, continuava exigente, excludente e seletivo” (Valobra, 2010, p. 117).

Figura 18 - Atriz americana Louise Brooks



Fonte: Revista El Hogar (1920).

Na Figura 18 é possível analisar a imagem publicada na revista *El Hogar* apresenta a figura de uma atriz americana em um retrato que expressa os ideais de modernidade e elegância dos anos 1920. A postura confiante, o corte de cabelo curto e o vestuário de linhas soltas e sofisticadas rompem com padrões femininos mais tradicionais, refletindo transformações no papel social da mulher naquele período. O ambiente interno e a composição fotográfica reforçam uma estética refinada e cosmopolita, evidenciando a influência do cinema e da cultura internacional na construção de novos modelos de comportamento, moda e identidade feminina divulgados pela revista.

A masculinidade, por sua vez, também foi reformulada. As figuras masculinas deixaram de ser representadas apenas como trabalhadores ou patriarcas para se tornarem consumidores sofisticados, preocupados com a aparência e o sucesso social. Essa transformação é captada por Ricardo Rodríguez Molas (1985), ao afirmar que:

As revistas ilustradas consolidaram um novo tipo de leitor masculino: não apenas o homem instruído, mas o homem elegante, que participa da vida urbana, aprecia o cinema, veste-se com distinção e é sensível às mudanças culturais. Essa figura, embora idealizada, tornou-se referência para muitos leitores em ascensão (Molas, 1985, p. 91).

Dessa forma, essas revistas não apenas difundiam padrões de beleza, comportamento e consumo, mas também contribuíam para a naturalização de hierarquias sociais, moldando percepções sobre quem era considerado moderno, educado e civilizado, e relegando os trabalhadores a papéis secundários ou decorativos dentro da narrativa cultural urbana da época.

Figura 19 - Representação masculina na revista



Fonte: Revista El Hogar (1920).

Dando continuidade à análise das representações de gênero, a Figura 19 apresenta uma imagem da revista *El Hogar* que retrata a representação masculina no início do século XX, associada a ideais de elegância, respeitabilidade e status social. Os retratos mostram homens bem vestidos, com trajes formais como ternos, gravata borboleta e acessórios que reforçam uma imagem de distinção e modernidade. A postura segura e o cuidado com a aparência indicam valores ligados à masculinidade burguesa, como sucesso profissional, sobriedade e autoridade. Assim, a revista contribui para a construção de um modelo masculino idealizado, alinhado aos padrões sociais e culturais da época, funcionando como referência de comportamento e estilo para seus leitores.

### **5.1.2 Papel das revistas na construção do imaginário nacional**

Ao mesmo tempo que importavam referências culturais estrangeiras, principalmente da França e dos Estados Unidos, as revistas ilustradas também operavam como ferramentas de construção de uma identidade nacional moderna. Essa identidade se articulava na valorização de símbolos locais, como o tango, o futebol, o “porteño típico”, e na idealização de uma Buenos Aires cosmopolita.

As revistas criavam, portanto, um imaginário ambíguo: moderno e tradicional, cosmopolita e nacional. Exaltavam o progresso técnico, a urbanização e os novos hábitos, mas também resgatavam figuras folclóricas e valores “criollos”. Como ressalta Eduardo Romano (1996):

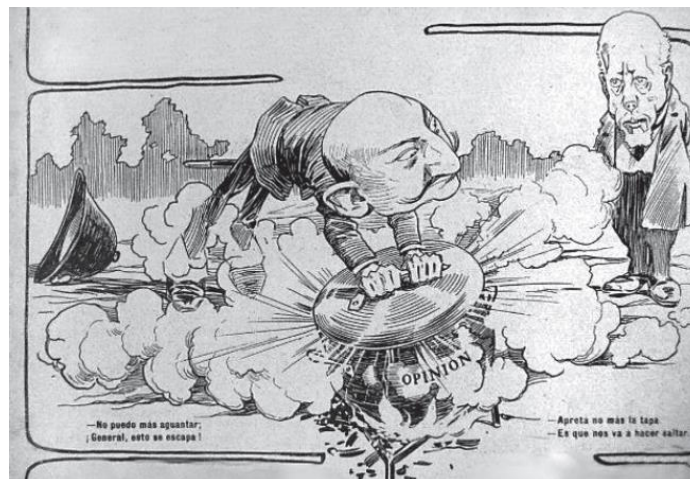
A imprensa gráfica não era apenas um espelho da realidade, mas uma oficina de produção simbólica. Os leitores se viam, se idealizavam e se projetavam nas páginas das revistas, cujos conteúdos misturavam humor, erotismo, crítica social e celebração patriótica. Esse caldeirão ajudou a forjar uma sensibilidade coletiva específica, marcada pela oscilação entre o desejo de modernidade e o orgulho da tradição (Romano, 1996, p. 53).

Embora as revistas ilustradas desempenhassem um papel essencial na construção de um imaginário nacional moderno, elas não eram neutras. Ao difundirem um projeto de nação baseado no cosmopolitismo urbano, na ordem social e no consumo, essas publicações também combatiam aquilo que percebiam como ameaça a esse modelo: as mobilizações operárias, o sindicalismo revolucionário, o anarquismo, as greves gerais e a crescente organização política dos trabalhadores. Como analisa Eduardo Romano (1996, p. 53), a imprensa ilustrada funcionava como

“produtora de sensibilidades e disciplinadora de comportamentos”, e isso implicava delimitar não apenas o que deveria ser celebrado como moderno, mas também aquilo que deveria ser reprimido, contido ou ridicularizado.

Nas revistas *Caras y Caretas*, por exemplo, eram frequentes as caricaturas e crônicas que retratavam grevistas como “desordeiros” ou “agitadores”, reforçando a ideia de que as paralisações prejudicavam o progresso urbano. Uma notícia típica desse tipo denunciava a “interrupção do funcionamento normal da cidade” durante greves de trabalhadores gráficos ou ferroviários, setores altamente mobilizados na década de 1920, apresentando os sindicatos como forças antagônicas à modernidade que as revistas buscavam celebrar.

Figura 20 - Revista *Caras y Caretas*



Fonte: Revista *Caras y Caretas* (1903).

A Figura 20, extraída da revista *Caras y Caretas*, revela o caráter satírico e crítico que marcou a publicação no início do século XX. Por meio do humor gráfico e da caricatura, a cena representa figuras simbólicas envolvidas em uma disputa em torno da “opinião”, sugerindo conflitos políticos, sociais ou ideológicos da época. O exagero dos traços, as expressões faciais e a ação dinâmica reforçam a intenção crítica da imagem, tornando a mensagem acessível e impactante para o leitor. Dessa forma, a revista se afirma como um importante espaço de comentário social e político, utilizando a sátira visual como instrumento de reflexão e questionamento da realidade contemporânea.

Já em Fray Mocho, notas sobre imigrantes anarquistas frequentemente os representavam como um corpo estrangeiro, insinuando que suas ideias eram incompatíveis com a ordem e a “argentividade” pretendida pelas elites urbanas. Essa

narrativa reforçava o discurso estatal que, após a Semana Trágica de 1919, associava movimentos operários à violência e ao “perigo vermelho”.

Figura 21- Revista Fray Mocho



Fonte: Revista Fray Mocho (1912).

Conforme a Figura 21, as páginas da revista *Fray Mocho* registram de forma visual e textual os principais acontecimentos sociais e políticos do início do século XX, com destaque para greves, reuniões e cenas do cotidiano coletivo. As fotografias mostram grupos de homens em trajes formais, autoridades e trabalhadores, evidenciando conflitos trabalhistas, negociações e a presença do Estado nesses processos. A organização das imagens acompanhadas de textos explicativos reforça o caráter jornalístico da revista, que buscava documentar e interpretar fatos relevantes da atualidade. Assim, *Fray Mocho* se consolida como um importante meio de comunicação, articulando informação, imagem e análise social para seus leitores.

Ao contrário da Argentina harmoniosa, elegante e cosmopolita exibida nas páginas das revistas, havia outra Argentina se articulando nas ruas, nos sindicatos e nas fábricas, uma Argentina protagonizada por trabalhadores, imigrantes pobres, mulheres operárias e militantes que reivindicavam melhores condições de vida e participação política. Como lembra Altamirano (2005, p. 31), “as classes trabalhadoras produziam suas próprias formas de sociabilidade e resistência formando um projeto de nação baseado na justiça social e na democratização econômica, frequentemente

silenciado pelas publicações ilustradas. Nesse sentido, as revistas não apenas moldavam o imaginário nacional, mas também participavam ativamente de uma disputa simbólica: de um lado, a Argentina moderna, elegante e ordeira das classes médias; de outro, a Argentina trabalhadora, politizada e mobilizada que desafia esse ideal.

Assim, ao selecionar e analisar essas revistas, evidencia-se que elas não apenas difundiam uma estética da modernidade, mas também funcionavam como instrumentos de delimitação social e política. Disponibilizavam ao leitor imagens e narrativas que orientavam comportamentos desejáveis consumo, civilidade, distinção, enquanto marginalizavam experiências populares consideradas incompatíveis com o projeto de nação hegemônico. A partir dos exemplos citados, torna-se possível compreender como o imaginário nacional foi forjado tanto pelo que se exaltava quanto pelo que se buscava ocultar ou deslegitimar.

Figura 22 - Revista El Hogar

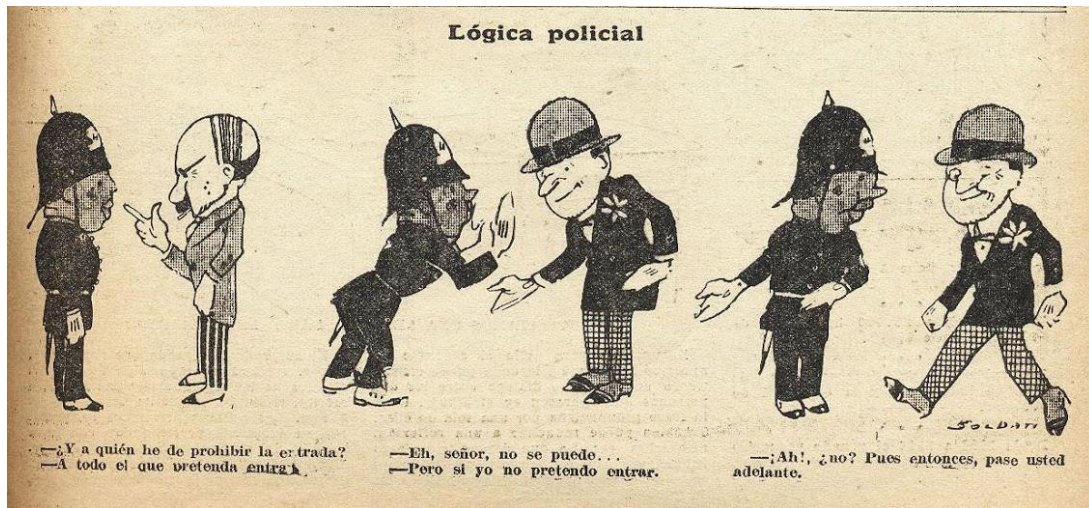


Fonte: Revista El Hogar (1920).

Na Figura 22, as páginas da revista *El Hogar* demonstram a variedade de conteúdos que compunham a publicação em 1920, combinando texto jornalístico, ilustração e publicidade. Observa-se uma narrativa ilustrada que aborda um episódio do cotidiano urbano, acompanhada por textos explicativos que orientam a leitura e conferem tom informativo e moralizante. Ao mesmo tempo, a presença de anúncios, como o voltado ao cuidado e ao desenvolvimento infantil, revela preocupações com a

família, a saúde e a educação, além de estratégias de consumo direcionadas ao público leitor. Dessa forma, a revista se apresenta como um espaço que articula entretenimento, informação e valores sociais, refletindo práticas e costumes da sociedade do período.

Figura 23 - Revista Atlántida



Fonte: Revista Atlántida (1920).

A Figura 23 apresenta a charge publicada na revista *Atlántida* utiliza o humor e a caricatura para criticar práticas institucionais e contradições da lógica policial no início do século XX. Por meio de personagens exagerados e de uma sequência narrativa, a cena expõe situações de arbitrariedade, autoridade e desigualdade no tratamento dos indivíduos, sugerindo uma crítica à atuação do poder público. O diálogo e a expressão corporal reforçam o tom satírico, tornando a mensagem acessível e provocativa. Assim, a revista reafirma seu papel como espaço de crítica social e política, utilizando a linguagem visual para questionar normas, abusos e incoerências da sociedade de seu tempo.

### 5.1.3 Relação com outras manifestações culturais (cinema, rádio, literatura)

A imprensa ilustrada também se posicionou como uma mediadora entre diferentes linguagens culturais. O cinema, em plena ascensão na década de 1920, era constantemente promovido nas revistas. Artistas do cinema mudo, como Greta Garbo, Buster Keaton, Charles Chaplin e artistas locais – apareciam com destaque, criando um intercâmbio entre as mídias. As seções de “estrelas do cinema” ou “notícias de Hollywood” tornaram-se espaços privilegiados para alimentar o fascínio do público com a cultura internacional.

O rádio, recém-popularizado, encontrou nas revistas um espaço de divulgação e legitimidade. A programação radiofônica era anunciada, artistas eram entrevistados e os aparelhos de rádio eram anunciados como artigos de luxo e modernidade, acessíveis aos lares urbanos.

Diante disso, é possível afirmar que as revistas ilustradas não apenas refletiram a sociedade argentina dos anos 1920: elas ajudaram a construí-la. Por meio de textos, imagens, propagandas e colunas, moldaram valores, projetaram desejos e normalizaram padrões. Foram, simultaneamente, vitrines e laboratórios da modernidade, espaços de disputa simbólica e negociação cultural, cujos efeitos ainda reverberam na memória gráfica e visual da Argentina.

A modernidade cultural que atravessou a Argentina nas primeiras décadas do século XX não pode ser compreendida sem considerar o papel central das revistas ilustradas como articuladoras de um novo sistema midiático. As publicações da década de 1920 não apenas se beneficiaram dos avanços tecnológicos e da expansão urbana: elas se converteram em mediadoras privilegiadas entre diferentes linguagens, cinema, rádio, literatura, esportes, moda e publicidade, contribuindo decisivamente para a consolidação de uma cultura de massa. Como observa Beatriz Sarlo (2007 p. 43), a modernidade argentina foi construída por uma “circulação veloz de imagens, sons e narrativas”, e as revistas funcionaram como o ponto de encontro dessa circulação.

No campo do cinema, a presença das estrelas era constante e estratégica. A década de 1920 foi marcada pela explosão do cinema mudo e pela internacionalização de Hollywood, fenômeno que as revistas argentinas incorporaram de maneira intensa. Seções como “*A vida das estrelas*”, “*Dois minutos com Greta Garbo*” ou “*O que acontece em Hollywood*” não apenas informavam o público, mas ensinavam modos de ver e admirar os novos ícones midiáticos. Além disso, jornais como *Caras y Caretas* e revistas de moda promoviam o cinema nacional, com reportagens sobre atores como Florencio Parravicini e sobre os primeiros estúdios locais, um sinal claro de que as revistas participavam da construção simultânea de um imaginário global e argentino. Para García Canclini (1995), esse intercâmbio ilustra a “hibridação cultural” da modernidade latino-americana, na qual influências externas eram reelaboradas para afirmar identidades locais.

O rádio, por sua vez, representava talvez o símbolo mais imediato do progresso tecnológico cotidiano. Após a primeira transmissão radiofônica de 1920, as revistas

ampliaram seu alcance cultural ao divulgar programas, comentar novelas radiofônicas e promover os novos “astros da voz”, como Ada Falcón e Ignacio Corsini. Ao mesmo tempo, anúncios publicitários apresentavam rádios domésticos como objetos de distinção, um eletrodoméstico que marcava a entrada da família na vida moderna. Revistas como *Mundo Argentino* e *El Hogar* publicavam semanalmente grelhas de programação e colunas especializadas, contribuindo para estabilizar o hábito de escutar rádio como prática cotidiana. Como argumenta Mariano Plotkin (1994), o rádio se tornou “uma forma de nacionalização cultural”, e as revistas aceleraram esse processo ao legitimar a nova mídia diante das classes médias.

Já no campo literário, as revistas ilustradas assumiram um papel decisivo não só como difusoras, mas como produtoras de modernidade estética. Publicações como *Martín Fierro* (1924–1927) e *Inicial* (1923–1927) não se limitavam a divulgar textos literários: elas formavam redes de sociabilidade intelectual, consolidavam a vanguarda e incorporavam experimentações gráficas que dialogavam com movimentos internacionais, como o futurismo e o ultraísmo. Escritores como Jorge Luis Borges, Oliverio Girondo e Norah Lange utilizaram as revistas como laboratório e plataforma, enquanto o público tinha acesso, nas mesmas páginas, a textos literários, caricaturas, entrevistas e colunas de moda, um exemplo notável da “mistura modernista” mencionada por Jorge Schwartz (2001, p. 77).

Ao reunir conteúdos tão diversos, as revistas não apenas refletiam a multiplicidade da vida urbana moderna: elas ensinavam o leitor a consumir essa multiplicidade, construindo uma sensibilidade própria da modernidade portenha. As interfaces entre cinema, rádio e literatura criavam um sistema cultural integrado, no qual a revista ocupava o papel de síntese e circulação. Assim, as publicações ilustradas dos anos 1920 não podem ser vistas como meros registros gráficos: eram agentes ativos, responsáveis por difundir práticas, disciplinar gostos e ampliar o espectro de referências simbólicas que compunham o imaginário nacional.

Deste modo, as revistas funcionaram como verdadeiros “laboratórios da modernidade”, na expressão de Romano (1996), articulando linguagens e práticas culturais que moldaram tanto o cotidiano quanto os valores da sociedade argentina. A modernidade projetada por elas, visual, veloz, híbrida, cosmopolita, não era apenas estética, mas também social e política. Era uma modernidade que reforçava padrões de consumo, celebrava o progresso técnico e difundia modelos de comportamento, ao mesmo tempo em que delimitava o que deveria permanecer à margem: os

trabalhadores em luta, os sindicatos, os setores populares e qualquer projeto de nação que escapasse à sensibilidade modernizadora das classes médias urbanas.

Assim, ao integrar cinema, rádio, literatura e publicidade, as revistas ilustradas consolidaram-se como uma das principais forças de construção do imaginário nacional argentino dos anos 1920, um imaginário atravessado por tensões, disputas simbólicas e desejos de modernidade que definiram profundamente a cultura do período.

## 6 CONCLUSÃO

A análise das revistas ilustradas argentinas da década de 1920 revela sua importância como ferramentas essenciais na modernização e na representação cultural do país. Conforme aponta López (2010), essas publicações exerceram um papel mediador fundamental entre as transformações sociais e o público leitor, articulando as mudanças no campo cultural com os processos de urbanização e modernização. Nesse sentido, as revistas ilustradas foram vetores que propiciaram a difusão de novos padrões estéticos e comportamentais, alinhados com os ideais de progresso e cosmopolitismo que caracterizavam a Argentina daquela época (García, 2015).

Além de refletirem as mudanças, essas revistas atuaram como agentes ativos na construção de um imaginário nacional moderno, incorporando elementos internacionais ao contexto local e promovendo um diálogo entre diferentes formas de mídia, como o cinema e o rádio. Segundo Fernández (2012), esse intercâmbio cultural potencializou a formação de uma identidade urbana renovada, marcada pelo consumo e pela valorização do visual, reforçando a centralidade das imagens na comunicação de massa.

O impacto duradouro das revistas ilustradas é perceptível não apenas na transformação dos hábitos culturais, mas também na consolidação da imprensa ilustrada como espaço público de circulação e contestação de ideias. Como destaca Martínez (2018), essas publicações ampliaram o acesso à informação visual e escrita, contribuindo para a formação de uma opinião pública mais crítica e plural, capaz de dialogar com as tensões e contradições da modernidade.

Portanto, as revistas ilustradas da década de 1920 desempenharam um papel decisivo na modernização cultural da Argentina, rompendo com paradigmas tradicionais e abrindo caminho para novas expressões e práticas sociais. Seu legado persiste nas dinâmicas culturais contemporâneas, evidenciando que foram mais que veículos informativos: foram protagonistas na construção da identidade cultural argentina em um momento histórico de profundas transformações. (Pérez, 2020).

Além disso, este trabalho contribui para os estudos da História da Imprensa e da cultura de massas latino-americana ao destacar a imprensa ilustrada como agente ativo na conformação de sensibilidades modernas. Ao tratar essas revistas não apenas como fontes, mas como produtoras de discursos, a pesquisa amplia a

compreensão sobre o papel dos meios de comunicação impressa na mediação entre tradição e modernidade na Argentina.

O estudo também preenche uma lacuna ao propor uma leitura comparativa entre diferentes revistas ilustradas com focos editoriais distintos, do humor político ao nacionalismo visual, da domesticidade moderna ao cosmopolitismo juvenil, revelando como cada uma colaborou, a seu modo, para a construção de imaginários sociais e culturais naquele contexto histórico.

Nesse sentido, o trabalho reforça a importância da cultura visual impressa como elemento central na modernização simbólica de países latino-americanos e aponta caminhos para novas investigações que explorem as interfaces entre mídia, identidade nacional e práticas culturais urbanas no início do século XX.

## 7 REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. **Revistas culturales del siglo XX**. Buenos Aires: AGN, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BESOKA, Lucía. “Las revistas ilustradas y la modernidad en la Argentina de los años 20”. **Anuario del Instituto de Historia Argentina**, n. 12, p. 45–66, 2012.
- BURUCÚA, José Emilio. **Historia, arte y cultura**: miradas desde América Latina. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- CARLÓN, Mario; FECHINO, Gustavo. **Las revistas ilustradas y el surgimiento de la cultura de masas en América Latina**. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura**. Bauru: EDUSC, 1999.
- DE LUCA, Tania Regina. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, 1890-1922. São Paulo: Edusp, 2006.
- ELIADES, Carmen. Imagen, política y cultura: revistas ilustradas en la Argentina de entreguerras. Córdoba: UNC, 2014.
- FLORES, María Laura. “La construcción visual de lo femenino en las revistas ilustradas argentinas”. **Revista de Estudios de Género**, v. 3, n. 1, p. 85–102, 2015.
- GAMARNIK, Cora. **Caras y Caretas**: una mirada crítica sobre el pasado argentino. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2008.
- GORELIK, Adrián. **La grilla y el parque: espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936**. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**: o breve século XX (1914–1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- JITRIK, Noé. **El ochenta y su mundo**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos estudos culturais à cultura das mediações. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Cultura e modernidade latino-americana**. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 153–174.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MORENO, María Laura. “Mujeres modernas y consumo en la prensa ilustrada de los años veinte”. **Revista História da Mídia**, v. 8, n. 2, p. 95–112, 2012.
- PIERINI, Margarita. **Imágenes y discursos en la prensa ilustrada argentina (1898–1930)**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2001.
- ROMANO, Eduardo. “**La prensa ilustrada y la formación del imaginario nacional**”. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. [S.l.]: Universidad Nacional de Rosario, 2001. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ROMERO, José Luis. **História da Argentina**. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 2000.
- ROMERO, Luis Alberto. **Breve história da Argentina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SARLO, Beatriz. **Modernidade periférica: Buenos Aires nos anos 1920**. São Paulo: Edusp, 2007.
- SAVIGLIANO, Marta E. **Tango and the Political Economy of Passion**. Boulder (CO): Westview Press, 1995.
- RIVERA, Jorge B. **El escritor y la industria cultural**. Buenos Aires: Atuel, 1980.
- RIVERA, Jorge B. **La investigación en comunicación social en la Argentina**. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- SARLO, Beatriz. **Escenas de la vida posmoderna**. Buenos Aires: Ariel, 2001.
- ROCCHI, Fernando. **Consumir es civilizar**. Buenos Aires: Edhasa, 2006.
- SAÍTTA, Sylvia. **Regueros de tinta: el diario Crítica en la década de 1920**. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

REVISTA Caras y Caretas. Caras y Caretas (Buenos Aires), nº 1920, 20 jul. 1935. Disponível em: [https://archive.org/details/Caras\\_y\\_Caretas\\_Buenos\\_Aires\\_1935-07-20\\_N\\_1920](https://archive.org/details/Caras_y_Caretas_Buenos_Aires_1935-07-20_N_1920). Acesso em: 19 set. 2025.

FRAY MOCHO. Revista Fray Mocho, n. 012, Buenos Aires, 1912. Disponível em: [https://archive.org/details/RevistaFrayMocho\\_012](https://archive.org/details/RevistaFrayMocho_012). Acesso em: 19 set. 2025.

EL HOGAR. Revista El Hogar, n. 0584, Buenos Aires, 17 dez. 1920. Disponível em: [https://archive.org/details/RevistaElHogar\\_0584](https://archive.org/details/RevistaElHogar_0584). Acesso em: 19 set. 2025.

UN RINCÓN DE SOMBRA. Revista Atlántida. 1918 – 1920. Un Rincón de Sombra (blog), 29 mar. 2015. Disponível em: <https://unrincondesombra.blogspot.com/2015/03/revista-atlantida-1918-1920.html>. Acesso em: 19 set. 2025.